



Gramsci, 70 anos depois

Editorial

O Brasil foi pioneiro na redescoberta da obra de Antonio Gramsci nos anos

1960, recorda o sociólogo Luiz Alberto Gómez de Souza.

Conforme ele, a “editora Civilização Brasileira, naquele momento, antes da França, por exemplo, publicou a tradução de livros de Gramsci, coletânea parcial e censurada por Togliatti, *ad usum* da militância da III Internacional. O dirigente do Partido Comunista, que se dizia amigo de Gramsci, não se esforçou muito por acompanhá-lo ou ajudar a tirá-lo da prisão, onde escreveu o melhor de sua obra. Ali trabalhava sem parar, corpo chagado, de pé, a partir das poucas leituras que podia fazer, só visitado por sua cunhada russa e seu jovem discípulo, Pietro Sraffa. Mais adiante, os *Cadernos do cárcere* recuperariam a integralidade da obra completa”.

Setenta anos depois da sua morte, cientistas políticos, sociólogos, educadores, entre outros, discutem a atualidade de conceitos gramscianos, como “hegemonia”, “direção intelectual e moral da sociedade”, a relação “sociedade civil - sociedade política”, “guerra de posição” e “guerra de movimento”. Assim, a *IHU On-Line* entrevistou Marcos Francisco Martins, coordenador do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo; Marco Aurélio Nogueira, professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Puc-SP, Unicamp); Luiz Alberto Gómez de Souza, diretor do Programa de Estudos Avançados em Ciência e Religião da Universidade Candido Mendes; Gildo Marçal Brandão, coordenador científico do núcleo de apoio à pesquisa sobre

democratização e desenvolvimento da USP; Marcos del Roio, professor de Ciências Políticas da UNESP; Giulio Ferroni, professor de literatura italiana da Universidade La Sapienza, de Roma; Luiz Werneck Vianna, professor pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Lincoln Secco, professor do Departamento de História da USP; Giovanni Semeraro, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF); e Jaime Giolo, do Inep.

A presente edição, ao retomar Gramsci, nestes nossos dias, nos estimula a ousar fazer a crítica categórica (o pessimismo da razão) sem minimizar as possibilidades da ação (o otimismo da vontade).

Na próxima quarta-feira, dia 15 de agosto, será lançado, oficialmente, o **Simpósio Internacional Uma sociedade pós-humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias**. Uma série de pré-eventos precederão o Simpósio, que se realizará entre os dias 26 a 29 de maio de 2008, na Unisinos. Assim, o lançamento ocorrerá no início do **III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o século XXI: O admirável e desafiador mundo das nanotecnologias**, com a conferência *Do infinitamente pequeno ao infinitamente grande*, a ser proferida pelo Prof. Dr. Attico Chassot, do PPG de Educação da Unisinos.

O óleo de Lorenzo, de George Miller, e *O corte*, de Costa-Gravas, são os filmes, desta semana, que serão exibidos e discutidos, respectivamente, nos Ciclos **Cinema e Saúde Coletiva: cuidado nas relações entre as pessoas e com a natureza** e **Trabalho no Cinema**. A programação completa dos eventos do Instituto Humanitas Unisinos - IHU pode ser conferida nesta edição, juntamente com as entrevistas dos debatedores.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 05 | Marcos Francisco Martins: “A educação é elemento necessário, mas não suficiente, na disputa pelo poder”

PÁGINA 13 | Marco Aurélio Nogueira: Gramsci, 70 anos depois. 'A esquerda precisa resolver, de uma vez por todas, sua questão com a democracia'

PÁGINA 17 | Luiz Alberto Gómez de Souza: A redescoberta de Gramsci

PÁGINA 22 | Gildo Marçal Brandão: O conceito de hegemonia. Gramsci e a esquerda brasileira

PÁGINA 25 | Marcos Del Roio: Democracia dos trabalhadores, essencial para a emancipação humana

PÁGINA 29 | Giulio Ferroni: O Príncipe moderno não é mais um partido ou o partido, mas a televisão

PÁGINA 32 | Luiz Werneck Vianna: Igual liberdade, uma palavra de ordem unificadora

PÁGINA 35 | Lincoln Secco: O conceito de sociedade civil como uma das maiores contribuições de Gramsci

PÁGINA 38 | Giovanni Semeraro: “O socialismo ou é democrático ou não é socialismo”

PÁGINA 42 | Jaime Giolo: O desenvolvimento intelectual como formador de seres humanos livres e sujeitos da história

B. Destaques da semana

» Memória

PÁGINA 47 | Morre Jean-Marie Lustiger, ex-arcebispo de Paris

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 48 | Destaques On-Line

PÁGINA 50 | Frases da semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 52 | Agenda da Semana

PÁGINA 53 | Attico Chassot: O antropocentrismo se esboroa cada vez mais

PÁGINA 55 | Fábio Moraes: É possível cuidar sem estar implicado?

» PERFIL POPULAR

PÁGINA 57 | Lucas Cardoso

» IHU REPÓRTER

PÁGINA 60 | Andréa Brächer

Antonio Gramsci – uma biografia



Antonio Gramsci (Ales, 22 de janeiro de 1891 - Roma, 27 de abril de 1937) foi um político, filósofo e cientista político, comunista e anti-fascista italiano.

Nascido num pequeno vilarejo ao norte da Sardenha, uma ilha

situada no centro do Mediterrâneo ocidental, era o quarto dos sete filhos de Francesco Gramsci, que sofria por dificuldades financeiras e problemas com a polícia. Sua família passou por diversos municípios da Sardenha até finalmente estabilizar-se em Ghilarza.

Tendo sido um estudante brilhante, Gramsci venceu um prêmio que lhe permitiu estudar literatura na Universidade de Turim. A cidade de Turim, na época, passava por um rápido processo de industrialização, com as fábricas da Fiat e Lancia recrutando trabalhadores de várias regiões mais pobres. Os sindicatos, então, se estabeleceram e começaram a surgir conflitos sociais motivados pelas relações trabalhistas. Gramsci envolveu-se diretamente com estes acontecimentos, freqüentando círculos socialistas bem como associando-se com emigrantes sardos.

Sua situação financeira, no entanto, não era boa. Suas dificuldades, que se somavam àquelas que tivera antes na Sardenha, certamente moldaram sua visão do mundo e tiveram peso na sua decisão de filiar-se ao Partido Socialista Italiano.

Gramsci, em Turim, tornou-se um notável jornalista, ainda que seus escritos fossem basicamente endereçados a jornais políticos, como *L'Avanti* (órgão oficial do Partido Socialista). De todo modo, a sua prosa brilhante e suas argutas observações logo lhe proporcionaram grande fama.

Sendo um escritor articulado e prolífico de teoria política, Gramsci produziu muito como editor de diversos jornais socialistas na Itália. Entre estes, ele fundou, juntamente com Palmiro Togliatti, em 1919, *L'Ordine Nuovo*¹, e contribuiu para *La Città Futura*.

O grupo que se reuniu em torno de *L'Ordine Nuovo* aliou-se com Amadeo Bordiga e a ampla facção Comunista Abstencionista dentro do Partido Socialista. Isto levou à organização do Partido Comunista Italiano (PCI) em 21 de janeiro de 1921. Gramsci viria a ser um dos líderes do partido desde sua fundação, porém subordinado a Bordiga, até que este perdeu a liderança em 1924. As teses de Gramsci foram adotadas pelo PCI no congresso que o partido realizou em 1926.

Em 1922, Gramsci foi à Rússia representando o partido, e lá conheceu sua esposa, Giulia Schucht, uma jovem violinista com a qual teve dois filhos.

Esta missão na Rússia coincidiu com o advento do fascismo na Itália, e Gramsci retornou com instruções de incentivar a união dos partidos de esquerda contra o fascismo.

Em 1924, Gramsci foi eleito deputado pelo Vêneto. Ele começou a organizar o lançamento do jornal oficial do partido, denominado *L'Unità*, vivendo em Roma enquanto sua família permanecia em Moscou.

¹ *L'Ordine Nuovo*: periódico fundado em maio de 1919, por Antonio Gramsci e outros intelectuais socialistas como Palmiro Togliatti e Umberto Terracini. Com o objetivo de ser instrumento de investigação cultural, o jornal estava ligado ao movimento turinense dos conselhos de fábrica, e foi publicado até dezembro de 1920, e tinha como subtítulo "resenha semanal de cultura socialista". (Nota da *IHU On-Line*)

Em 1926, as manobras de Stalin² dentro do Partido Bolchevique³ levaram Gramsci a escrever uma carta ao Komintern⁴, na qual ele deplorava os erros políticos da oposição de Esquerda (dirigida por Trótski e Zinoviev⁵) no Partido Comunista Russo, porém apelava ao grupo dirigente de Stalin para que não expulsasse os opositores do Partido. Togliatti, que estava em Moscou como representante do PCI, recebeu a carta e a abriu, leu e decidiu não entregá-la ao destinatário. Este fato deu início a um complicado conflito entre Gramsci e Togliatti, que nunca chegou a ser completamente resolvido. Togliatti, posteriormente, faria muito para divulgar a obra de Gramsci após sua morte, mas evitou

² **Josef Stalin (1878-1953):** ditador soviético, líder máximo da URSS de 1924 a 1953 e responsável pela condução de uma política nomeada como stalinismo. Chegou a estudar em um colégio religioso de Tbilisi, capital georgiana, para satisfazer os anseios de sua mãe, que queria vê-lo seminarista. Mas logo acabou enveredando pelas atividades revolucionárias contra o regime czarista. Passou anos na prisão e, quando libertado, aliou-se a Vladimir Lenin e outros camaradas, que planejavam a Revolução Russa. Stalin chegou ao posto de Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética entre 1922 e 1953 e, por conseguinte, o chefe de Estado da URSS durante cerca de um quarto de século. (Nota da *IHU On-Line*)

³ **Partido Bolcheviques:** Quando os Bolcheviques chegaram ao poder, durante a Revolução Russa, em 1917, eles mudaram o nome de seu partido, até então conhecido como Partido Operário Social Democrata Russo, liderado por Lenin, para Partido Comunista de Toda a Rússia (Bolcheviques). Em 1918, passaram a ser conhecidos como Partido Comunista da União Soviética (PCUS). (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ O Comintern ou Komintern (Internacional Comunista), também conhecido como Terceira Internacional, foi uma organização internacional comunista fundada por Vladimir Lenin e pelo Partido Comunista da União Soviética em março de 1919, que pretendia lutar com “todos os meios disponíveis, inclusive armados, para derrubar a burguesia internacional e estabelecer uma República Soviética internacional como um passo transitório à completa abolição do Estado”. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **Grigory Yevseevich Zinoviev (1883-1936)** foi um revolucionário bolchevique e um político comunista soviético. (Nota da *IHU On-Line*)

cuidadosamente qualquer menção às suas simpatias por Trotsky⁶.

Em 8 de novembro de 1926, a polícia fascista prendeu Gramsci (apesar de sua imunidade parlamentar) e o levou a Regina Coeli, a famosa prisão romana. Ele foi sentenciado a cinco anos de confinamento (na remota ilha de Ustica). No ano seguinte, foi condenado a vinte anos de prisão (em Turi, próximo de Bari, na Apúlia). Sua saúde, que nunca tinha sido excepcional, neste momento começava a declinar sensivelmente, ao mesmo tempo em que ele foi deixado em uma cela pequena e com pouca assistência. Em 1932, um projeto para a troca de prisioneiros políticos ente Itália e União Soviética, que poderia dar a liberdade a Gramsci, falhou. Em 1934, sua saúde estava seriamente abalada e ele recebeu a liberdade condicional, após ter passado por alguns hospitais em Civitavecchia, Formia e Roma. Gramsci faleceu aos 46 anos, pouco tempo depois de ter sido libertado.

⁶ **Leon Davidovich Trotsky (1870-1940):** revolucionário bolchevista e intelectual marxista, político influente na União Soviética. Com Joseph Stalin, na União Soviética dos anos 1920, foi expulso do Partido Comunista e deportado da União Soviética. Foi assassinado no México por um agente soviético a mando de Stalin. Frida Kahlo e Diego Rivera hospedaram Trotsky em sua estadia no México. As idéias de Trotsky constituem a base da teoria comunista do trotskismo. (Nota da *IHU On-Line*)

“A educação é elemento necessário, mas não suficiente, na disputa pelo poder”

ENTREVISTA COM MARCOS FRANCISCO MARTINS

“As condições objetivas e subjetivas que dispomos no momento brasileiro atual não são favoráveis à reestruturação da escola e nem à transformação social.” A opinião é do filósofo Marcos Francisco Martins, expressada na entrevista concedida à IHU On-Line, por e-mail. Ele ressalta que, para estruturar a escola gramsciana, é necessário transformar a sociedade e acrescenta que “ainda há muito o que se fazer na escola nacional para transformá-la efetivamente em um instrumento que possibilite às classes subalternas deixar as condições de subalternidade a que estão submetidas”.

Marcos Francisco Martins é graduado em Filosofia, mestre e doutor em Filosofia e História da Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp, com a tese O conhecimento em Marx e Gramsci: ruptura ou continuidade? Reflexões sobre o valor pedagógico e ético-político do conhecimento. Martins é Coordenador do Programa de Mestrado em Educação do Unisal (Centro Universitário Salesiano de São Paulo).

IHU On-Line - Em que consiste a reelaboração da teoria marxista do Estado, proposta por Gramsci? Como suas reflexões ajudaram a elaborar um novo conceito de socialismo?

Marcos Francisco Martins - A teoria de Estado gramsciana consiste em uma atualização da teoria marxista, e não sua negação ou seu desvirtuamento idealista. Na verdade, ela consiste numa adequação à nova realidade vivida no final do século XIX e início do século XX nas “sociedades ocidentais” - as do capitalismo mais desenvolvido -, mas sem abandonar os princípios elementares do paradigma teórico-metodológico marxista: o materialismo, a dialética e o historicismo. Dizer isso significa considerar que Gramsci entende as relações materiais de produção como determinantes em última instância das relações sociais. Contudo, essa

determinação não é direta, como chega a aparecer em *A ideologia alemã*⁷, por exemplo, mas dialética, na exata medida expressa em uma das missivas que Engels⁸ endereça a Konrad Schmidt, em 1890. Nela, Engels evidencia que o processo que se estabelece entre os

⁷ **A ideologia alemã**: primeiro livro escrito em parceria por Karl Marx e Friedrich Engels. Na origem alemã foi intitulado *Die Deutsche Ideologie*. É considerado um dos mais importantes livros escritos por estes dois autores. O objetivo da obra é fazer uma crítica aos “jovens hegelianos”, principalmente aos filósofos Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stirner, considerados produtores de uma ideologia alemã conservadora. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ Friedrich Engels (1820-1895): filósofo alemão que, junto com Karl Marx fundou o chamado socialismo científico ou comunismo. Ele foi co-autor de diversas obras com Marx, e entre as mais conhecidas destacam-se o *Manifesto comunista* e *O capital*. Friedrich Engels, grande companheiro de Karl Marx, escreveu livros de profunda análise social. (Nota da *IHU On-Line*)

fatos econômicos, de um lado, e as noções ideológicas, as idéias políticas e jurídicas, as concepções religiosas e as ações desencadeadas a partir delas, de outro, caracteriza-se pela inter-atuação que determina o curso da história. De outra forma, é possível dizer que a relação existente entre a base material e a superestrutura jurídico-política e ideológica não é a de um simples reflexo do elemento econômico sobre o social, moral, político, religioso, psicológico, cultural, estético e ético, mas a de uma síntese com múltiplas determinações. É com essa concepção de mundo que Gramsci constrói seu conceito de “Estado ampliado”, seguindo a trilha deixada por Marx no âmbito da teoria social.

Transformações econômico-sociais

Ao analisar as formações econômico-sociais de tipo ocidental, surgidas a partir da segunda metade do século XX, Gramsci observou que elas ganharam outros contornos, muito mais complexos que os das “orientais” (aqui Gramsci tinha em mente principalmente a Rússia Czarista). Eles são resultantes do dinâmico entrelaçamento de duas esferas societárias de poder, a sociedade civil e a sociedade política. Pela nova acepção que conferiu ao termo “sociedade civil” - diferente dos contratualistas, de Hegel e de Marx -, esta era, para Gramsci, o conjunto de aparelhos, estruturas sociais, que buscam dar direção intelectual e moral à sociedade, o que determina a hegemonia cultural e política de uma das classes sobre o conjunto da sociedade; e a sociedade política como uma extensão da sedimentação ideológica promovida pela sociedade civil, que se expressa através dos aparelhos e atividades coercitivas do Estado, visando a adequar as massas à ideologia e à economia dominantes.

Então, segundo Gramsci, para se reproduzir como sistema de vida hegemônico, o capitalismo procura

conformar um “bloco histórico”, que garante a hegemonia da classe dominante economicamente e dirigente sob o ponto de vista ético-político e ideológico. E faz isso utilizando tanto dos recursos e dos aparelhos de “convencimento” da sociedade civil quanto dos de coerção da sociedade política, isto é, do Estado, segundo a ampliada noção que lhe tem Gramsci: “Estado = sociedade civil + sociedade política”. Ou seja, na determinação dos rumos da história de uma determinação formação econômica e social de tipo ocidental, estão presentes tanto as forças materiais - estrutura - quanto as “ideologias” - superestrutura -, rejeitando-se qualquer visão mecanicista da relação entre esses elementos.

O Estado não perde seu caráter classista; pelo contrário, age para sedimentar a sociedade de classe. Mas a manutenção dessa situação se dá de uma forma mais complexa do que pela simples coerção. Assim entendido, o Estado torna-se apto a colocar em funcionamento uma série de iniciativas - institucionalizadas ou não -, capazes de reproduzir as relações sociais capitalistas, moldando as classes subalternas como uma massa de indivíduos identificados economicamente e também pela submissão ético-política, ideológica e cultural que vivenciam. Obviamente que essa compreensão do processo de produção e reprodução da vida social nas “sociedades ocidentais” só poderia resultar em uma noção de transformação radical da vida societária diferente daquela que orientou os processos de luta política durante o século XIX. Se a “guerra de movimento”, ou o assalto direto ao poder centralizado no Estado, era o mote dos revolucionários socialistas, neste período vivenciado por Marx, a “guerra de posição” deve ser a estratégia de ação daqueles que pretendem superar a vida capitalista que se desenvolveu a partir do século XX. Entenda-se por “guerra de posição” a ocupação de todos

os espaços sociais - institucionalizados ou não - para disputar a hegemonia com a classe dominante economicamente e dirigente ética e politicamente. Tal atitude visa, segundo Gramsci, a fazer de cada um desses espaços uma trincheira das classes subalternas na luta contra-hegemônica, com o objetivo de alterar a correlação de forças e, assim, estrategicamente ir construindo outra ordem socioeconômica e ético-política. Em outras palavras, para Gramsci é necessário empreender iniciativas que contestem e superem as estruturas e superestruturas que consolidam o *status quo* típico das sociedades - de classe - capitalista. Somente dessa forma é que, para Gramsci, se consegue promover uma verdadeira “reforma moral e intelectual”, já que o poder não se encontra mais centralizado em uma instituição como, por exemplo, o Estado e seus aparelhos coercitivos, mas disperso em vários ambientes e processos sociais. E foi o próprio fracasso da revolução na Itália um dos elementos que ensinou isso a Gramsci.

Reforma moral e intelectual

A propósito, não se deve confundir a “reforma moral e intelectual” com qualquer estratégia idealista de intervenção social, como a dos socialistas utópicos no passado e como hoje fazem muitos dos que equivocadamente se identificam como pertencentes ao “Terceiro Setor”, algo para além do Estado e do mercado. Isso porque, para o revolucionário italiano, a “reforma moral e intelectual” se manifesta concretamente como um reforma econômica, ou seja, como alteração da estrutura de classes de tipo capitalista, que exige não somente convencimento, mas também os conflitos próprios dos embates coercitivos, que, se hoje não são mais os únicos determinantes nas relações de poder, ainda desempenham papel relevante na determinação dos rumos da história.

Eis o que compreendo como sendo o caminho que o comunista da Sardenha aponta aos socialistas nas

sociedades atuais, diferente da trajetória seguida pelos bolcheviques na Rússia. De sorte que o socialismo, nessa perspectiva gramsciana, não se confunde com um estágio quimérico a ser alcançado ou como uma necessária realidade que naturalmente há por vir, mas se identifica com o processo de construção de alternativas societárias cada menos desiguais e injustas, e mais humanas e humanizantes, porque superadora da sociedade de classes tipicamente capitalista. Penso que esses conceitos de Estado e de socialismo fizeram Gramsci contemporâneo do século XX. E eles ainda guardam muita atualidade teórico-científica, ético-política e ideológica, ainda não esgotada neste início do século XXI.

***IHU On-Line* - Qual é a influência do pensamento gramsciano para a renovação do marxismo ocidental durante o pós-guerra?**

Marcos Francisco Martins - Depende do que se entende por “marxismo ocidental”. Digo isso porque esse termo, “marxismo ocidental”, pode ser interpretado como sendo uma corrente do marxismo que na explicação da história desconsiderou a determinação dos elementos estruturais e sobrevalorizou os superestruturais, vistos como uma entidade autônoma em relação à base material. Muito embora essa seja uma interpretação corrente sobre o legado teórico-metodológico gramsciano, sobretudo corroborada por Bobbio em *O conceito de sociedade civil*, definitivamente entendo não ser esse o marxismo de Gramsci.

O conceito de “bloco histórico” corrobora essa minha leitura e de muitos estudiosos do pensamento e da práxis de Gramsci. Com ele, o revolucionário italiano procurou deixar claro que não entende que a superestrutura tenha completa autonomia em relação à estrutura, mas que há entre elas uma relação dialética. Isto é, Gramsci não criou uma teoria que concebe a história como determinada pelos aspectos subjetivos, intersubjetivos, culturais etc., mas como resultante da inter-atuação das

forças materiais e ideológicas.

Tal compreensão fez de Gramsci um autor que realmente renovou o marxismo de tipo dogmático e mecanicista, como era o da II Internacional. E o fez seguindo ortodoxamente o mais elementar do método marxiano, que é a “análise concreta da situação concreta”, que no caso de Gramsci era a das formações econômicas e sociais ocidentais. Isso tornou seu marxismo deveras diferente do de Bukhárin - para ficar com um exemplo -, mas sem abandonar os princípios marxianos, que foram lidos mecânica e dogmaticamente por inúmeros representantes do “marxismo oficial”.

Além disso, a distinção “ocidental” e “oriental” nas reflexões de Gramsci indicam caminhos diferentes seguidos pelos comunistas e socialistas nas sociedades liberais-democráticas, do tipo americano e europeu à época de Gramsci, e nas formações econômicas e sociais similares àquela que se tinha na Rússia pré-revolução. Neste sentido, sim, podemos dizer que Gramsci funda um marxismo de tipo ocidental, pois ele desenvolveu o marxismo com um guia da ação revolucionária a ser desenvolvida em sociedades de tipo ocidental.

A propósito, ainda sobre a questão do marxismo ocidental, não posso deixar de dizer que recentemente li uma entrevista de Domenico Losurdo⁹ tratando desse tema. Nela, esse importante intérprete do legado gramsciano fazia uma dura crítica à distinção entre marxismo ocidental e marxismo oriental atribuindo isso, em certa medida, à mentalidade ocidental que se entende como superiora à oriental.

IHU On-Line - Qual era a concepção pedagógica de Gramsci? Em que ela consiste? No Brasil, podemos destacar algum educador que tinha como base as idéias gramsciana?

⁹ Domenico Losurdo (1941): filósofo marxista que leciona na Universidade de Urbino, na Itália. (Nota da *IHU On-Line*)

Marcos Francisco Martins - É difícil responder a essa pergunta rapidamente, em poucas palavras. Antes de destacar o princípio educativo gramsciano, que é o trabalho, há que se considerar que em Gramsci a educação é política. Isso é de diferentes formas reiterado por Gramsci, porque ele a concebe como um processo integrado às relações dialéticas que se estabelecem entre estrutura e superestrutura. Vista em um sentido amplo pelo revolucionário italiano, a educação se torna elemento importantíssimo na disputa pelo poder, sobretudo em se tratando das formações econômicas e sociais “ocidentais”. Isso porque nelas o Estado, para produzir e reproduzir as relações societárias com os aparelhos da sociedade civil e da sociedade política, procura construir um consenso em relação à filosofia - visão de mundo - do grupo dominante sob o ponto de vista econômico e dirigente ético-política e ideologicamente.

Obviamente que, nesse jogo de disputa pelo poder, a hegemonia de um grupo social sobre os demais, no caso das “sociedades ocidentais”, da burguesia, exige que se desenvolva todo um processo educativo, para que a visão de mundo da totalidade social seja compatível com os interesses e necessidades do grupo dominante e das forças produtivas aí desenvolvidas. O grupo hegemônico necessita tornar senso comum a sua visão de mundo para que o modo de vida seja reproduzido de acordo com a sua ideologia. Ou seja, a educação é também elemento necessário, mas não suficiente, na disputa pelo poder, mormente nas sociedades mais complexas da democracia-liberal.

Contudo, o processo de superação dessas relações de poder, em busca de se constituir outras relações sociais, também exige uma educação que eleve a consciência das classes subalternas a um patamar em que ela possa inicialmente se reconhecer como classe e, depois, lutar

pelos seus próprios interesses, dois momentos em que se faz necessária a presença de “intelectuais” que lhe sejam organicamente vinculados. Esse processo de luta em favor da transformação social, que cobra ações contra-hegemônicas, é também educativo, pois que exige o aprendizado de uma nova forma de ver, de entender a realidade e de agir nela.

Por que a Educação é política?

De modo que para Gramsci não só a educação é política, pois ela se faz presente na disputa que se dá entre os dominantes e dominados, mas também a política nas “sociedades ocidentais” é eminentemente educativa. Isso porque no jogo de forças entre o grupo hegemônico e os que lhe são subalternos, os primeiros tentam impor sua filosofia como um senso comum aos demais, e esses, se quiserem e tiverem as condições para tanto, deverão também forjar a sua própria filosofia e tentar disseminá-la no meio social para se libertarem da condição de subserviência e exploração a que são submetidos. Melhor dizendo, Gramsci não entende a educação senão como um espaço da disputa política definidora dos rumos históricos: se ela é elemento de cimentação da ideologia dominante, deve ser também utilizada pelos subalternos como um instrumento estratégico que pode auxiliar na tarefa de superação do capitalismo. Essa visão politizada da educação - ao mesmo tempo educativa da política - funda-se em um princípio educativo: o trabalho, conforme bem observou Manacorda¹⁰ em seu clássico *O princípio educativo em Gramsci*. Toda essa concepção educativa traduzida em uma proposta pedagógica resulta na “escola unitária” gramsciana. Tal proposta parte do pressuposto que todos os homens - e não somente alguns - devem ter a possibilidade de se desenvolver unilateralmente, integralmente. E se a sociedade tem no trabalho o seu

¹⁰ MANACORDA, Mario Alighiero. *O princípio educativo em Gramsci* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1990). (Nota da *IHU On-Line*)

elemento determinante mais central, todos devem estar aptos a participar dele e dos demais processos sociais dele resultantes, o que deve ser feito desenvolvendo os conhecimentos e as habilidades relacionadas ao saber e ao fazer, como dissemos em um texto de 2000 - “Ensino técnico e globalização: cidadania ou submissão?”¹¹.

Obviamente que uma proposta pedagógica como essa aplicada à sociedade de classes, marcadas pela divisão social do trabalho, tem um alto potencial questionador da dualidade escolar que lhe é característica, da escola como aparelho ideológico de Estado e, portanto, reprodutora das relações de poder. De fato, a “escola unitária” gramsciana pretende “desinteressadamente” desenvolver os homens de forma a que possam ser sujeitos de seu próprio destino histórico como indivíduo e como coletividade.

Em se tratando da realidade brasileira, uma das mais destacadas figuras que expressa essa noção educativa de Gramsci é Dermeval Saviani¹². Além de ter sido um dos que introduziram Gramsci no Brasil, ele elaborou uma proposta pedagógica marcadamente gramsciana, qual seja a “pedagogia histórico-crítica”.

***IHU On-Line* - Por que Gramsci dizia que era necessário educar as classes instrumentais e subordinadas como conjunto, ao invés de como indivíduos singulares?**

Marcos Francisco Martins - Essa sua pergunta faz referência a uma das passagens, a meu ver, mais ricas

¹¹ MARTINS, Marcos Francisco. *Ensino técnico e globalização: cidadania ou submissão?* (Campinas: Autores Associados, 2000). (Nota da *IHU On-Line*)

¹² Dermeval Saviani: graduado em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), doutor em Filosofia da Educação, pela mesma universidade. Atualmente, é professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Coordenador Geral do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR). (Nota da *IHU On-Line*)

dos *Cadernos do cárcere*, aquela em que Gramsci apresenta o conceito de “catarsis”. Digo-lhe isso porque nela Gramsci conseguiu sintetizar sua concepção de mundo num conceito comprometido ético-política e ideologicamente com as classes subalternas.

Para o revolucionário da Sardenha, o processo de elevação das classes subalternas à classe hegemônica não se dá através de uma revolução passiva, segundo a qual o povo não participa de sua formulação, e sim é dirigido durante todo o processo revolucionário e excluído dos benefícios da vitória. Foi isso, aliás, o que aconteceu com os camponeses italianos do sul no *Risorgimento*¹³ e em outros momentos históricos em que a burguesia ou ascendeu ao poder ou consolidou-se nele através de uma renovação sem grandes rupturas, feita pelo “alto” e “excluindo” os de baixo, isto é, modificando alguns aspectos das relações sociais, mas não o seu fundamento de classe. Ao contrário, a libertação dos subalternos na acepção gramsciana exige uma reforma moral e intelectual que seja capaz de efetivamente promover nas classes subalternas uma “catarsis”, isto é, possibilitar-lhes a passagem do momento puramente egoísta ao momento ético-político. Isso porque elas só conseguirão constituírem-se como um bloco social no momento em que unificarem os grupos subordinados na luta contra-hegemônica, o que só é possível abandonando as suas posições corporativas e adquirindo cada vez mais consciência de classe, bem como desenvolvendo ações guiadas por essa consciência renovada e elevada. Somente assim as classes subalternas e seus intelectuais orgânicos conseguirão ter mais e melhores condições de obter sucesso nas disputas em favor de seus interesses de classe e, desta forma, alterar a correlação de forças em seu favor, ou melhor, em prol da transformação das relações sociais capitalistas.

¹³ **Risorgimento**: significa ressurreição em italiano. Movimento que, entre 1815 e 1870, buscou unificar a Itália. (Nota da *IHU On-Line*)

É neste momento de elevação de consciência e de luta ético-política contra a hegemonia vigente que as classes subalternas superam a sua condição de “classe em si” para tornarem-se “classe para si”, educadas como conjunto, que lutam em favor de si orientadas por uma visão de mundo que elas mesmas e seus intelectuais orgânicos forjaram. Desse modo, as classes instrumentais e subordinadas estarão caminhando para ter um papel de direção na sociedade, como conjunto e não como indivíduos singulares.

***IHU On-Line* - Por que, no pensamento gramsciano, o sujeito e o objeto do conhecimento são pensados como uma coisa só?**

Marcos Francisco Martins - Esse é um debate do qual, apesar de longo, gosto muito. Aliás, tratei especificamente dele em meu doutoramento¹⁴. Muito embora alguns renomados intérpretes de Gramsci não concordem - como é o caso de Carlos Nelson Coutinho em seu livro denominado de *Gramsci* -, defendo a tese de que das formulações do revolucionário sardenho é possível inferir que ele não é um idealista sob o ponto vista ontológico e epistemológico. Desse modo, Gramsci pode ser considerado, como ele próprio se afirma, como um marxista ortodoxo.

O que pode suscitar dúvidas em relação à essa caracterização que tenho da ontologia e da epistemologia de Gramsci é que para ele o conceito de matéria não faz sentido se apresentado em si mesmo, isolado do contexto histórico-social. Em si mesma a matéria não tem significado algum, porque quem lhe confere essa qualidade é o homem. De modo que se a realidade e seu conceito podem ser distinguidos

¹⁴ A tese de doutorado de Marcos Francisco Martins será publicada em forma de livro no início 2008, pela Editora Autores Associados, com o título *Marx, Gramsci e o conhecimento: continuidade ou ruptura*. (Nota da *IHU On-Line*)

logicamente, historicamente eles se nos apresentam como realidade inseparável, uma realidade que ganha sentido objetivo sendo social e historicamente objetiva.

Logo, o conceito de matéria só passa a ter sentido epistemológico e axiológico se articulado ao homem e à sua história, que é produção “socialmente organizada”, e não algo preexistente, abstrato, divino. Isso faz com que Gramsci admita a existência da realidade exterior, mas somente como uma realidade que ganha sentido objetivo sendo social e historicamente objetiva, porque inserida no âmbito da práxis humana.

Obviamente que a partir dessa noção ontológica só se pode epistemologicamente inferir que sujeito e objeto sejam elementos integrantes de uma mesma realidade, faces de uma mesma moeda. Se podem ser formalmente distinguidos, concretamente compõem uma única realidade, que é produção histórica humana.

Tal noção tem profundas implicações científicas e político-educativas. Cientificamente, é possível inferir desses pressupostos que a totalidade torna-se um conceito chave na epistemologia gramsciana, porque indica essa unidade entre sujeito e objeto do conhecimento. Sob o ponto de vista educativo-político, pode-se dizer que essa visão orgânica de sujeito e objeto resulta em uma proposta pedagógico-política profundamente democrática, pois concebe o processo educativo-político entre educador-educando e governante-governado, numa perspectiva horizontal, não autoritária.

IHU On-Line - Para Gramsci, qual era o conceito de cidadania? Qual o cidadão ideal para sociedade?

Marcos Francisco Martins - Interessante eu responder essa pergunta, porque foi justamente ela um dos objetivos perseguidos em meu mestrado. Nele, fiz uma digressão sobre o conceito de cidadania, já que eles são muitos, variados e até contraditórios entre si. Fui a

Aristóteles identificar o conceito de cidadania grego, passei pelos contratualistas para chegar na formulação gramsciana, que considera o cidadão como inicialmente um sujeito que participa da realidade da sociedade de classe em que vive, primeiro pressuposto do conceito de cidadania que formulei inspirado nas formulações gramscianas.

Contudo, a participação do cidadão não se dá deslocada da situação real, das condições objetivas e subjetivas de uma determinada formação econômica e social. Desse modo, qualquer participação cidadã na sociedade de classe deve, sob o ponto de vista gramsciano, almejar a construção da igualdade entre os homens, segundo pressuposto que se constitui em um duro ataque à noção de desigualdade natural cultivada pelos liberais.

Todavia, a igualdade almejada só se consolida efetivamente se e somente se os cidadãos tiverem posse dos bens que lhe garante a vida com dignidade, bens materiais, simbólicos e sociais. E eles são garantidos mediante a conquista de direitos, que são fruto da luta, da ação cidadã, bastante obstaculizada na sociedade capitalista.

A partir desses pressupostos, formulei um conceito de cidadania a partir do referencial gramsciano que pode assim ser exposto: cidadania é a participação dos indivíduos em determinada comunidade, em busca da igualdade em todos os campos da realidade humana, mediante a luta pela conquista dos bens materiais, simbólicos e sociais, garantidos pela posse e ampliação de direitos, ação que se contrapõe à hegemonia das classes proprietárias. Então, na sociedade atual, o cidadão é aquele que se dispõe a abandonar a sua posição de indivíduos para se projetar na luta política com vistas a transformar as estruturas e superestruturas

que produzem e reproduzem a sociedade de classes.

IHU On-Line - Como Gramsci avaliaria o sistema de educacional do Brasil?

Marcos Francisco Martins - A primeira consideração é que a escola brasileira, como bem caracteriza Saviani, carece ainda de um sistema de ensino. O que temos como produto histórico ainda não se pode ser chamado de sistema, principalmente após as duas últimas décadas de reforma, que contribuíram sobremaneira para o desmantelamento do sistema público e sua privatização, seguindo os cânones do neoliberalismo se fez e se faz presente.

Política e juridicamente, há que se considerar alguns esforços do Governo Lula em retomar, mas não superar, o estado de coisas na educação destruído pelo governo tucano. Para ficar em dois exemplos, destaquemos: primeiro a supressão do Decreto 2008/97, que separou o ensino técnico do Ensino Médio e escancarou a dualidade escolar, em segundo lugar o PAC da Educação, que, embora limitado, promete injetar mais recursos no

ensino fundamental e médio, além de ampliar as vagas no ensino superior público. Contudo, essas iniciativas são muito tímidas se comparadas com a exigência do momento histórico. Seria preciso menos discurso, mais recurso e audácia, e não se deixar limitar pelas “razões de governo”, que, sistematicamente, tem comprometido a lisura da prática administrativa e do avanço no âmbito da educação.

Socioculturalmente, é preciso dizer que há ainda muito o que se fazer na escola nacional para transformá-la efetivamente em um instrumento que possibilite às classes subalternas deixar as condições de subalternidade a que estão submetidas. Mas desprivatizar a educação, investir na formação docente, gerenciar melhor os recursos já destinados à educação e ampliá-los seria um bom começo. Frente ao pessimismo da razão, prefiro atuar com o otimismo da vontade.

Gramsci, 70 anos depois. “A esquerda precisa resolver, de uma vez por todas, sua questão com a democracia”

ENTREVISTA COM MARCO AURÉLIO NOGUEIRA

De acordo com o cientista político, Marco Aurélio Nogueira, o Estado é a expressão “de uma correlação de forças”, que costuma ser usado pelos “sujeitos em seus movimentos para avançar rumo à supremacia”. Ele enfatiza que os partidos que continuarem a imaginar a sociedade atual como a “mesma sociedade de classes claramente definidas e posicionadas umas contra as outras, como na época de Gramsci, não terão condições de exercer funções positivas de direção política e cultural”.

Marco Aurélio Nogueira é graduado em Ciências Políticas e Sociais, pela Fundação Escola de Sociologia Política de São Paulo, doutor em Ciência Política, pela Universidade de São Paulo (USP), e pós-doutor pela Universidade de Roma, Itália. Atualmente, é professor da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e professor do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Puc-SP, Unicamp). Nogueira concedeu entrevista à IHU On-Line na edição nº 160, de 17 de outubro de 2005, intitulada Os desafios da justiça e as políticas para uma cultura de paz. A entrevista intitulada A despolitização nasce o tempo todo da vida atual pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

IHU On-Line - O que Gramsci diria da sociedade atual, engolida pelo capitalismo, pela globalização, e extremamente resistente ao socialismo democrático? O que Gramsci ainda teria para nos ensinar?

Marco Aurélio Nogueira - Ele veria com horror e preocupação o panorama atual, tão frio e calculista, tão injusto e desumano, tão desigual. Gramsci era um comunista: não poderia ter outra atitude diante da sociedade que está aí. Mas ele era um comunista com duas características fortes, que se sobressaíam: era democrata e pensava dialeticamente. Com certeza, reconheceria como positivos os avanços democráticos conseguidos na segunda metade do século XX, especialmente os que estão associados à democratização

dos relacionamentos e ao enfraquecimento das distâncias e das hierarquias entre as pessoas. Se fosse possível imaginar sua reação (coisa que certamente não é, ou somente o é em termos especulativos), acho que o veríamos aplaudir o que se conseguiu neste sentido. Como também era dialético, não se fixaria somente nos aspectos “trágicos” da situação atual e procuraria ver suas contradições em processo, ou seja, os elementos de negação e superação que brotam o tempo todo desta mesma situação. Seria este seu maior ensinamento, o convite permanentemente feito por ele à esquerda.

IHU On-Line - De acordo com os pensamentos de Gramsci, o Estado contribui, de alguma maneira, para

a construção da hegemonia?

Marco Aurélio Nogueira - O Estado não contribui para a construção da hegemonia, até mesmo porque o Estado, na visão gramsciana, não é um ator nem um sujeito. Ele é a expressão de uma correlação de forças, um espaço institucional e ético-político que costuma ser conquistado e “usado” pelos sujeitos em seus movimentos para avançar rumo à supremacia, à dominação política. Deste ponto de vista, o Estado é uma referência fundamental. Sem ele, teríamos somente “lutas de interesses”, estado de natureza e guerra de todos contra todos, como diria Hobbes¹⁵. Fazer política sem levar em conta este valor do Estado é algo que se afasta radicalmente das concepções de Gramsci. A própria sociedade civil, que Gramsci elevou a conceito essencial da teoria política, só faz sentido se for pensada desta perspectiva, ou seja, como um elemento articulado com o Estado.

IHU On-Line - Ao contrário do príncipe de Nicolau Maquiavel, o “Moderno Príncipe” de Gramsci era um ente coletivo, personificado num partido. Poderia analisar como essa idéia continua fazendo parte da proposta de esquerda contemporânea? Há alguma ligação entre essa idéia e um engessamento nas decisões?

Marco Aurélio Nogueira - O partido gramsciano era um partido estruturado por formas de centralismo democrático e no qual as bases deveriam estar o tempo todo em ação, pressionando seus dirigentes e impedindo-os de se cristalizarem como burocratas. Os partidos - todos eles - enfrentam sempre o risco da burocratização,

¹⁵ **Thomas Hobbes (1588 - 1679)**: filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford. Ele foi secretário de Sir Francis Bacon. (Nota da *IHU On-Line*)

do engessamento das decisões, e somente seu funcionamento democrático e transparente pode atenuar tal risco. O modelo gramsciano de partido punha-se precisamente nesta linha, buscando bloquear ou dificultar engessamentos e cristalizações burocráticas. Era um partido democrático para “dentro” e inteiramente dedicado a dialogar e a interagir democraticamente com o que estava “fora” dele.

Creio que a esquerda contemporânea continua a ganhar com esta idéia de partido, por mais que os fatos duros da vida tenham complicado o funcionamento e a própria existência dos partidos políticos. Hoje, justamente por estes dados da vida, os partidos de esquerda precisam inventar novas formas de estruturação e de ação, mas continuam sendo necessários como “a sociedade que se organiza”, como poderia dizer Gramsci. Partidos que se concebiam como estruturas pesadas, que se distanciam da vida real, que imaginem que a sociedade atual ainda é a mesma sociedade de classes claramente definidas e posicionadas umas contra as outras, como na época de Gramsci, não terão condições de exercer funções positivas de direção política e cultural.

IHU On-Line - É possível conciliar socialismo com o capitalismo globalizado? Por que e como?

Marco Aurélio Nogueira - Conciliar no sentido de que um possa colaborar para a afirmação do outro, certamente não. São sistemas distintos, propostas de vida diferentes, incompatíveis entre si. Mas o capitalismo globalizado é um fato da vida, e o socialismo é uma proposta, um desenho de sociedade ideal. Neste sentido, é perfeitamente possível imaginar que, nas sociedades concretas, em função das lutas políticas e dos embates culturais que nelas se manifestem, certas reformas de tipo socialista possam ser efetivadas. Mudanças expressivas na distribuição de renda e na redução das desigualdades, melhores mecanismos de formulação e implementação de políticas de promoção social e

emancipação, formas de defesa e ampliação dos direitos de cidadania, modalidades democráticas e populares de gestão e de tomada de decisões, são passos importantes nesta direção. Tem sido assim deste que o capitalismo passou a se confrontar com o socialismo; quanto mais o socialismo se traduziu em ação, quanto mais conseguiu falar com as massas e traduzir adequadamente suas expectativas, mais este movimento de progressiva “socialização” do capitalismo ocorreu. Boa parte do que temos, hoje, de vida civilizada, justiça social e avanço democrático, deveu-se a isto.

***IHU On-Line* - Quais são as principais contribuições de Gramsci para as transformações políticas na América Latina?**

Marco Aurélio Nogueira - Numa frase: fazer valer a força da democracia e da mobilização política contra todas as formas de desigualdade e injustiça, sem deixar de reconhecer que a vida é sempre uma síntese de claro e escuro, ou seja, que não há nenhuma situação que contenha somente elementos negativos, deletérios. A crítica categórica (o pessimismo da razão) não pode minimizar as possibilidades de ação (o otimismo da vontade).

***IHU On-Line* - Lula foi um líder político formado dentro do PT, que sempre apoiou o movimento do MST, por exemplo. O senhor acha que, enquanto presidente, ele se esqueceu das lutas e ideais do seu partido?**

Marco Aurélio Nogueira - Não acho não. Mas quem vai ao governo não pode continuar a agir como se estivesse na oposição. Governar sempre implicará fazer concessões, em maior ou menor grau, sempre conterà algum elemento de contraste com as reivindicações sociais, sempre exigirá atitudes de recusa por parte do governante. Governar também é dizer não, tanto para os poderosos e os adversários quanto para os companheiros.

Quem deseja fazer política apenas pelo ângulo da oposição e da contestação - atitude que certamente horrorizaria Gramsci - jamais deveria se esforçar para chegar ao governo. Lula hoje é Presidente da República. Não governa só para os pobres e oprimidos, mas para todos os brasileiros. E governar é agir mais “positivamente” que “negativamente”, ainda que não devamos absolutizar isso nem menosprezar o fato de que um governo reformador existe para se contrapor ao que há de errado e injusto na vida.

***IHU On-Line* - Os partidos de esquerda acabaram se transformando na nova elite brasileira?**

Marco Aurélio Nogueira - Os partidos de esquerda que se tornaram governo certamente passaram a integrar a elite política da sociedade. Quem governa sempre se converte em elite. Mas ser elite política não significa se tornar elite econômica. Significa somente desempenhar um papel de direção, assumir uma condição de responsabilidade pela condução da sociedade. Pode até mesmo existir uma elite com pouco poder, ou com menos poder real do que o que emana das elites econômicas, como me parece acontecer hoje, no Brasil. Nossa “classe política” - incluindo aí os que estão no governo - pode pouco perante os mercados e os poderosos da economia. Pode pouco, mas sempre pode alguma coisa, e precisa saber aproveitar isso da melhor maneira possível. Afinal, este “poder alguma coisa” é muito maior do que o poder de qualquer parte isolada da sociedade, e dispõe de recursos imponentes de ação, persuasão e execução.

***IHU On-Line* - Que aspectos do ideário político de Gramsci podem ajudar a esquerda brasileira a realizar uma autocrítica? O que o PT poderia aprender com esse autor?**

Marco Aurélio Nogueira - Creio que a esquerda contemporânea, e a brasileira em particular, tem muito a ganhar com Gramsci. Não somente com Gramsci, mas

com todos os pensadores e teóricos que fizeram da vida real algo mais importante do que princípios e doutrinas. Princípios são evidentemente importantes, mas eles existem para fornecer parâmetros de pensamento e de opção, não para definir agendas ou pautas de atuação, e muito menos para justificar conservadorismo, recusa ou medo de mudar de posição. O doutrinário principista converte a esquerda em caricatura de si mesma. Os fatos duros da vida, o capitalismo globalizado dos dias atuais, as novas dinâmicas da modernização reflexiva, estão a exigir novas idéias e a adoção de novas linguagens políticas. A esquerda precisa, por exemplo, saber o que fazer com os indivíduos, que se projetaram de modo inquestionável, nas últimas décadas, como sujeitos políticos, como protagonistas que não seguem passivamente ordens de quem quer que seja. Não são mais as classes que modelam os indivíduos, por mais que as classes continuem importantes como fatos estruturais. E os indivíduos, que hoje estão “soltos” das classes e das instituições, não são todos necessariamente “individualistas”, predadores e egoístas. Podem ser socialmente solidários e democraticamente ativos, sobretudo porque são reflexivos, agem e reagem mediante plataformas ampliadas de informação e conhecimento. E também porque sabem (ou podem vir a saber) que a “boa vida” depende de uma organização superior da vida coletiva. A esquerda precisa também resolver, de uma vez por todas, sua questão com a democracia. Não pode deixar dúvidas quanto a seu compromisso democrático, até mesmo porque a vida real se democratizou a tal ponto que serão dela expelidos todos os que se posicionarem de outro modo. A esquerda tem diante de si uma sociedade complexa, muito fragmentada, mas também muito articulada, repleta de nichos sociais, grupos de interesse e famílias culturais. Esta não é uma sociedade que se unifique com facilidade, nem muito menos que possa ser administrada

como se fosse um monólito, ou um conjunto de monólitos antagônicos. Ela não pode ser governada a partir de posições ou atitudes que busquem dividi-la ainda mais, jogar uma metade contra a outra, os pobres contra os ricos ou os “incluídos” contra os “excluídos”, por exemplo, como se vê em alguns momentos. Com base em contraposições deste tipo, anda-se para trás. Acho que isto vale para os partidos (portanto, para o PT) e para todos nós. Temos de ser mais democráticos e mais dialógicos. Só assim, aliás, poderemos ser mais radicais e combativos no quadro atual. Daria até para inverter uma famosa idéia de Che Guevara: temos de ser “ternos” para podermos ser “duros”. Fazer valer a força da democracia e da mobilização política contra todas as formas de desigualdade e injustiça é uma perspectiva que exige não só o pleno reconhecimento das múltiplas identidades com que lidamos hoje, como também depende da compreensão de que não há nenhuma situação que contenha somente elementos negativos, deletérios, depressivos.

IHU On-Line - Para Gramsci, a formação dos sujeitos políticos depende das instituições e das histórias nacionais. A partir do contexto brasileiro e tomando em consideração essa idéia gramsciana, como o senhor definiria o sujeito político brasileiro?

Marco Aurélio Nogueira - São as massas, as multidões, os indivíduos, com suas capacidades institucionais, suas idéias e sua maior ou menor disposição de agir de modo combinado e compartilhado. Não consigo visualizar nenhum sujeito político - e especialmente um sujeito político dedicado à transformação social - que não nasça disso. Não há nenhum “povo unido” pronto para agir.

A redescoberta de Gramsci

ENTREVISTA COM LUIZ ALBERTO GÓMEZ DE SOUZA

Para o sociólogo Luiz Alberto Gómez de Souza, não é necessário, como acreditava Gramsci nos anos 1930, substituir uma hegemonia por outra. Em entrevista à IHU On-Line, por e-mail, ele é enfático ao dizer que a sociedade pluralista e democrática deve superar a “própria idéia de hegemonia”.

Souza classificou o Brasil como um país que está se preparando para chegar ao poder com as classes populares. Como esse processo não é imediato, ele explica que muitas pessoas se decepcionaram com a “vitória de Lula, querendo que se realizasse magicamente o desejável, sem entender as limitações do possível em tempos de transição”. Sobre a atuação do governo atual, ele pondera: “Lula não se substitui aos setores populares, mas tenta abrir-lhes espaço, dentro do possível”.

Luiz Alberto Gómez de Souza é graduado em Direito pela PUCRS e pós-graduado em Ciência Política pela Facultad Latino-americana de Ciencias Sociales (Flacso), de Santiago do Chile, e doutor em Sociologia, pela Universidade de Paris Sorbonne Nouvelle. Atualmente, ele é diretor do Programa de Estudos Avançados em Ciência e Religião da Universidade Candido Mendes. De sua vasta obra bibliográfica, destacamos A JUC: os estudantes católicos e a política (Petrópolis: Vozes, 1984. 259 p.). No sítio da IHU On-Line, podem ser conferidos artigos do sociólogo. No dia 11-05-2007, publicamos A chegada do Papa: palavras simplificadas e afirmações editadas, em 18-05-2007, Um véu de integrismo e fundamentalismo ameaça o mundo pluralista de hoje, e em 18-07-2007, Simplesmente Cristão. O material está disponível em www.unisinos.br/ihu.

IHU On-Line - Como surgiu o pensamento gramsciano no Brasil?

Luiz Alberto Gómez de Souza - Nos anos 1960, houve uma redescoberta de Marx, até então engessado nos livros ortodoxos soviéticos. Num primeiro momento, foi o lançamento dos livros de Althusser¹⁶, *Pour Marx* e *Ler o*

¹⁶ Louis Althusser (1918-1990): filósofo marxista francês. Seu envolvimento com a ideologia marxista pode ser devido ao tempo gasto

capital. Influenciado pelo estruturalismo em voga, esse autor queria descobrir o marxismo como Teoria, um marco sem história, uma espécie de escolástica marxista. Não por acaso, teve influência entre cristãos e ex-

nos campos de concentração nazista, durante a segunda guerra mundial, depois da qual começou sua carreira acadêmica. (Nota da *IHU On-Line*)

cristãos. Marta Harnecker¹⁷, sua principal discípula latino-americana, hoje em Cuba, fora dirigente nacional da JUC¹⁸ chilena. Entre nós, a Ação Popular (AP)¹⁹, deixava, depois do golpe, a influência personalista de Mounier²⁰ e adotava essa corrente. Alguns de nós fomos postos para fora. O curioso é que seus discípulos, na França, ocupados na leitura “científica” de Marx, não perceberam a importância de 1968, coisa de “pequeno burgueses”. Contou-nos Manuel Castells²¹, no Chile, que quando começaram as manifestações de maio em Paris, a equipe de estudos althusseriana considerou o clima das ruas negativo para uma reflexão séria e resolveram tirar férias até uma normalização acadêmica. Faz pensar no Fabrice, personagem de Sthendal, bonapartista entusiasta, que queria estar numa batalha de seu líder e não soube ver a última, que se deu nas suas barbas, na cidadezinha belga em que se encontrava, chamada Waterloo. Uma contribuição importante de Althusser, porém, foi a idéia de sobredeterminação, valorizando o mundo das superestruturas.

¹⁷ **Marta Harnecker**: jornalista e investigadora chilena que se aproximou do marxismo nos anos 1960, quando estudou em França. Nessa época escreveu a obra *Conceitos elementares do materialismo histórico*. Desde o golpe de Pinochet, em 1973, Harnecker vive em Cuba, onde atualmente dirige o Centro de Investigaciones Memoria Popular Latinoamericana (MEPLA). (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ **JUC**: Juventude Universitária Católica. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ **Ação Popular (AP)**: Movimento político, criado antes de 1964. A professora Cecília Pires, entrevistada neste número, faz referência ao Pe. Vaz, inspirador deste movimento. A AP é extinta pela ditadura militar e se transforma, na clandestinidade, em Ação Popular Marxista-Leninista. Para entender melhor a AP, depois APML, vale a pena ler o longo depoimento de Herbert de Souza, o Betinho, publicado na sua volta do exílio, em 1979. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ **Emmanuel Mounier (1905-1950)**: filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-09-2005 tem como tema de capa *Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária*. (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ **Manuel Castells (1942)**: sociólogo espanhol. (Nota da *IHU On-Line*)

Pensamento gramsciano

O pensamento de Gramsci surgiu em parte como uma reação. O Brasil fora pioneiro, antes da França, na redescoberta dele. A editora Civilização Brasileira, nos anos 1960, publicou a tradução de livros de Gramsci, coletânea parcial e censurada por Togliatti, *ad usum* da militância da III Internacional²². O dirigente do Partido Comunista, que se dizia amigo de Gramsci, não se esforçou muito por acompanhá-lo ou ajudar a tirá-lo da prisão, onde escreveu o melhor de sua obra. Ali trabalhava sem parar, corpo chagado, de pé, a partir das poucas leituras que podia fazer, só visitado por sua cunhada russa e seu jovem discípulo, Pietro Sraffa²³. Mais adiante, os *Cadernos do cárcere* recuperariam a integralidade da obra completa.

Gramsci interessou-se pelos problemas da cultura, do poder e do estado e sobre a dualidade italiana. Uma idéia central, a hegemonia, que vinha de Lênin, foi renovada por ele. “Direção intelectual e moral da sociedade”, mundo das idéias e dos valores. Retomava o conceito de sociedade civil, que já estava em Hegel e em Marx, alongando-o para “o conjunto das organizações da assim chamada sociedade”. E ao lado colocava a *coação*, a partir da sociedade política. A relação sociedade civil -

²² **III Internacional**: constituiu-se como um verdadeiro partido mundial da revolução socialista, como um programa revolucionário, regida pelo centralismo democrático. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Piero Sraffa (1898-1983)**: economista italiano, marxista, amigo de Antonio Gramsci, foi levado por Keynes a Cambridge nos anos 1920. Sua crítica da teoria de Marshall influi em muitos economistas, entre eles a economista inglesa Joan Robinson. Piero Sraffa é considerado um dos gigantes da economia do século XX. Suas principais obras são *The works and correspondence of David Ricardo* (1951) e *Production of Commodities by means of commodities, prelude to a critique of Economic Theory* (1960). Também escreveu sobre inflação, moeda e bancos. Sobre Sraffa o IHU promoveu, em 10 de maio de 2006, o evento Quarta com Cultura Unisinos - *Repensando os Clássicos da Economia*, na Livraria Cultura, em Porto Alegre. A palestra esteve a cargo da Prof.^a Dr.^a Maria Heloisa Lenz, da FEE. A mesma atividade foi trazida ao II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, na Unisinos, em 17 de maio de 2006. (Nota da *IHU On-Line*)

sociedade política, em Gramsci, se presta a diferentes interpretações. Seus textos não são completamente coerentes, mas fruto de uma reflexão rica e em transformação. Vai resgatar a história, congelada pelo estruturalismo. E a tomada do poder para ele terá duas estratégias, tiradas das teorias militares: “guerra de posições”, movimentos ainda que pequenos, na sociedade civil, e “guerra de movimento”, o avanço sobre o poder político.

***IHU On-Line* - Por que Gramsci chama a ditadura do proletariado de hegemonia?**

Luiz Alberto Gómez de Souza - Em primeiro lugar, Gramsci, homem do seu tempo, ainda vê o proletariado como o grande sujeito da história. As transformações da nova revolução tecnológica que vêm depois dele levam André Gorz²⁴ (*Adeus ao proletariado*) e outros, como Alain Touraine²⁵, a ampliar o tema do sujeito (*Le retour de l'acteur*). Para Gramsci, o capitalismo estava nas mãos da ditadura da burguesia, que detinha a hegemonia. Teria que ser substituído pela ditadura do proletariado, da classe, não do partido. Nisso encontrava o pensamento fecundo de Rosa Luxemburgo. Hoje, eu

²⁴ **André Gorz**: filósofo austríaco radicado na França desde 1948. Escreveu 16 livros, dos quais vários traduzidos para o português, entre eles *Adeus ao proletariado*. (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982); *Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica*. (São Paulo: Annablume, 2003); e *Misérias do Presente, Riqueza do Possível*. (São Paulo: Annablume, 2004). A *IHU On-Line* realizou uma entrevista com Gorz, publicada parcialmente na sua 129ª edição, de 02-01-2005, e na íntegra no número 31 dos *Cadernos IHU Idéias*, com o título *A crise e o êxodo da sociedade salarial*. Sobre André Gorz também pode ser lido o texto *Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz*, de André Langer, pesquisador do Cepat. O texto está publicado nos *Cadernos IHU* n.º 5, de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ Alain Touraine: sociólogo francês, conhecido por ter sido o pai da expressão “sociedade pós-industrial”. Confirma uma entrevista exclusiva concedida por ele à *IHU On-Line* na edição número 210, de 5 de março de 2007, intitulada “As mulheres na origem da nova sociedade”. (Nota da *IHU On-Line*)

diria que não há que substituir uma hegemonia por outra, mas, numa sociedade pluralista e democrática, superar a própria idéia de hegemonia. Isso não podia ser pensado por Gramsci nos anos 1930.

***IHU On-Line* - Para ocorrer uma revolução, dizia Gramsci, é necessário compreender a as diferenças que existem entre uma sociedade e o poder político. Quais são as diferenças que ele evidencia? Essa idéia ainda é relevante nos dia de hoje, principalmente no Brasil?**

Luiz Alberto Gómez de Souza - É a distinção referida antes entre sociedade civil e sociedade política. Há que fortalecer a primeira (guerra de posições) para que a chegada ao governo seja realmente a chegada ao poder político, nos casos de sociedades civis frágeis, gelatinosas, dizia ele. Hoje, no Brasil, temos um governo que favorece (ou deveria favorecer) esse processo e ainda não é a chegada ao poder dos setores populares, mas a preparação parcial para isso, em meio a contradições e resistências do sistema. Quem não entendeu isso se decepcionou logo com a vitória de Lula, querendo que se realizasse magicamente o desejável, sem entender as limitações do possível em tempos de transição. E vemos uma extrema-esquerda míope minando o governo, em aliança inconsciente com as classes dominantes! Já acompanhei isso no Chile, onde morava de 1970 a 1973, sofrendo com a burrice suicida do MIR²⁶, da esquerda radical, que ajudou a desestabilizar o governo Allende²⁷.

²⁶ **MIR**: Movimento de Esquerda Revolucionária. Fundado em 15 de agosto de 1965, reunindo militantes da Juventude Socialista, da Juventude Comunista e dois pequenos agrupamentos que atuavam na Universidade de Concepción, a Vanguarda Revolucionária Marxista e o Grupo Granma. A tese central do MIR era o caráter socialista da Revolução Chilena e a necessidade de formular uma estratégia dotada de instrumentos político-militares, capaz de recorrer a todas as formas de luta, inclusive a armada. Influenciados pela Revolução Cubana, desde 1967 praticaram guerrilha urbana e campesina. Reconhecido

***IHU On-Line* - No pensamento gramsciano, os sindicatos eram importantes para organizar a democracia entre o proletariado e a burguesia. Pensando no contexto atual do Brasil, os sindicatos realmente atuam como auxiliares dos sindicalizados ou passam por uma fase decadente, na qual defendem seus próprios interesses?**

Luiz Alberto Gómez de Souza - Hoje, temos uma visão mais ampla das organizações da sociedade civil. Os sindicatos, muitas vezes, estão presos à idéia de proletariado, dos operários organizados, muitas vezes corporativos ou ficam atrelados aos partidos de esquerda. Isso se viu na França em 1968, quando chegaram atrasados na rebelião dos jovens. No Brasil, o MST, por exemplo, é mais ágil que a CUT e a dialética MST.

***IHU On-Line* - Gramsci sempre falou em hegemonia da classe operária, não da hegemonia do partido. Partindo dessa idéia, é correto afirmar que a partir do momento em que os partidos conquistam o poder, a classe operária o perde? Como essa relação ocorre no Brasil?**

Luiz Alberto Gómez de Souza - A grande pensadora nesse sentido foi Rosa Luxemburgo, em sua polêmica com o “Que fazer”²⁸ de Lênin e com seu vanguardismo, a

como partido durante o governo de Salvador Allende, voltou à clandestinidade e às ações armadas após o golpe Militar de Pinochet (1973). Em abril de 1986 surgiu o MIR-político e o MIR-militar. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ **Governo Allende:** Em 1970, Salvador Allende foi eleito presidente do Chile, representando a Unidade Popular. Esse agrupamento político era formado por socialistas, comunistas, setores católicos e liberais do partido Radical e do Partido Social Democrata, e contava com grande apoio dos trabalhadores urbanos e camponeses. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ **Que fazer?** (as questões palpitantes do nosso movimento) é um livro de Vladimir Lênin escrito entre outubro de 1901 e fevereiro de 1902, publicado em março deste mesmo ano, em que o autor, através da crítica a uma recente ala dentro do movimento social-democrata

partir de sua desconfiança em relação à chegada dos bolcheviques ao governo em 1917. “Ditadura do partido não, sim ditadura da classe operária”, ainda que se possa discutir hoje essa expressão. Também o jovem Trotsky, em 1905, já temia o substituívismo que chegaria com Stalin: “um partido se substitui à classe, um comitê central ao partido e finalmente um ditador ao comitê central”.

Mas não podemos dizer que quando o partido chega ao governo, a classe perde necessariamente. Isso é uma visão mecânica e não dialética. No caso do Brasil, volto ao que disse. O Governo Lula não substituiu os setores populares, mas tenta abrir-lhes espaço, dentro do possível. O MST compreende isso, não o PSOL. O MST é duro na crítica e exige uma real reforma agrária, mas está pronto a sair às ruas contra ameaças de golpe. Aliás, hoje a grande mídia não esconde essa intenção e, como em 1964, temos a reedição de uma Marcha, preparada por “advogados da OAB paulista, jovens executivos da Fiesp” e “dondocas enfadadas em algum momento de suas vidas enfadonhas”, na opinião surpreendente e franca de Claudio Lembo (do PFL, ex-governador de São Paulo), no portal Terra.

***IHU On-Line* - Gramsci afirma que a classe operária deve ter várias organizações para conquistar o poder, e não pode conquistá-lo através de um só partido. Pensando no caso brasileiro, faltam organizações para reivindicar os direitos da classe operária? Como o senhor avalia as organizações que atuam no país?**

Luiz Alberto Gómez de Souza - Quando Gramsci fala de várias organizações (associações, movimentos), não se refere necessariamente a vários partidos. Aliás, ele fora o fundador o Partido Comunista Italiano e crítico do Partido Socialista do qual saíra. Mas, hoje, podemos

russo, o economismo (como Lênin o chama), discute questões práticas acerca da revolução socialista no então cenário da Rússia czarista. (Nota da *IHU On-Line*)

dizer que a pluralidade partidária é necessária à democracia, assim como a aliança de partidos da esquerda com partidos de centro, para enfrentar a direita. A extrema esquerda radical, principista e abstrata, não entende isso.

Não se trata de defender apenas os direitos da classe operária, mas dos excluídos e dos vários segmentos progressistas. Temos muitas organizações pelo país afora, no mundo rural e urbano, movimentos sociais e, no caso de Igreja Católica, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e as pastorais sociais, movimentos de bóias-frias, mulheres, jovens, ecologistas, negros, índios etc. Há que vitalizá-los sempre mais. Esses movimentos não se resumem ao MST, e são mais importantes do que pensam alguns analistas que não percebem o dinamismo do Brasil real.

Termino dizendo que há que tomar o que Gramsci tem de estimulante e fazer, com ele, o que fez com Marx e Lênin. Também recuperar outros pensamentos. Hoje, estamos conscientes das limitações e das virtualidades do marxismo e redescobrimos as grandes intuições do personalismo comunitário de Emmanuel Mounier, revisitando idéias que nos foram decisivas há meio século, junto com Teilhard de Chardin²⁹ e L. J. Lebret³⁰,

²⁹ **Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955):** paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no **Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre a obra de Teilhard de Chardin, pode ser conferido na edição nº 140, de 9 de maio de 2005, um artigo de Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz. No sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), também tem um artigo de Carlos Heitor Cony, em 16-6-2006, intitulado **Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão** (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ **Louis Joseph Lebret (1897-1966):** padre Lebret, dominicano francês, é considerado um pioneiro do movimento teórico do desenvolvimento econômico que surgiu depois da Segunda Guerra Mundial. Sua visão humanista da economia segue tendo grande atualidade até os dias de hoje. Foi capelão de pescadores e promotor de uma economia cooperativa na busca de melhorias para o mundo dos

sem ortodoxias ou “pensamentos corretos”. Como queria Marx, há que subir do abstrato (um pensamento rígido e ideológico) ao concreto da realidade. E aí encontramos as “certezas difíceis” (Mounier) e em transformação, num momento em que os paradigmas fechados felizmente precisam cair. Gramsci e Rosa Luxemburgo podem ajudar-nos, desde que não os transformemos em ícones religiosos.

marinheiros. Em 1941, fundou o movimento Economia e Humanismo, a partir do qual, em companhia de François Perroux, construiu e ilustrou a problemática e a prática da Economia Humana, preocupada, fundamentalmente, em gerar uma nova aproximação dos estudiosos sociais à realidade, abrindo-se a uma visão global da dinâmica das sociedades e das culturas. Em 1953, integrou-se a Organização das Nações Unidas para estabelecer os Níveis de Desenvolvimento no Mundo. Em companhia de Josué de Castro, Diretor da FAO, trabalhou para estabelecer uma ação internacional, lutar contra as desigualdades e promover uma nova Ética do Desenvolvimento. (Nota da *IHU On-Line*)

O conceito de hegemonia. Gramsci e a esquerda brasileira

ENTREVISTA COM GILDO MARÇAL BRANDÃO

De acordo com Gildo Marçal Brandão, filósofo e coordenador científico do núcleo de apoio à pesquisa sobre democratização e desenvolvimento da USP, a partir dos anos 1980 e 1990 Gramsci passou a ser um autor importante no Brasil, propagado por autores ligados ao velho Partido Comunista Brasileiro. O pesquisador ressalta que Gramsci foi importante na construção da esquerda em nosso país porque justificava, delineava e trazia elementos de reflexão para uma esquerda que tentava fazer uma política de frente democrática contra o regime militar. Entretanto, Brandão ressalta que a análise das classes como motor das mudanças sociais, critério chave do marxismo e do próprio Gramsci, “é ultrapassado”. A entrevista foi realizada por telefone.

*Brandão é graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco e doutor em Ciências Políticas pela Universidade de São Paulo (USP). É pós-doutor pela University of Pittsburgh e, atualmente, é coordenador científico do núcleo de apoio à pesquisa sobre democratização e desenvolvimento da USP. De sua vasta obra bibliográfica, destacamos *A esquerda no Brasil (São Paulo: Duetto Editorial, 2006)* e *A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista, 1920-1964 (São Paulo: HUCITEC, 1997)*. Confira a entrevista a seguir:*

IHU On-Line - Qual é a importância de Gramsci na construção da esquerda brasileira?

Gildo Marçal Brandão - Gramsci foi influente no Brasil a partir dos anos 1970. O Brasil foi um dos primeiros países que traduziu sua obra. Num determinado momento, ele passou em “brancas nuvens”. Depois, a partir dos anos 1980 e 1990, se tornou um autor importante, propagado no Brasil, em geral, por autores ligados ao velho Partido Comunista Brasileiro³¹: Carlos Nelson Coutinho³², Leandro Konder³³, Luiz Werneck

³¹ Partido Comunista Brasileiro (PCB): partido político brasileiro de esquerda, baseado nos ensinamentos de Karl Marx e Friedrich Engels. O partido foi fundado em 1922. (Nota da *IHU On-Line*)

³² Carlos Nelson Coutinho: filósofo brasileiro, livre docente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e docente nesta instituição.

Organizou as obras *Ler Gramsci, entender a realidade* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003) e *Antonio Gramsci, Escritos políticos* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004). Traduziu para o português os *Cadernos do cárcere*, lançados pela editora Civilização Brasileira. É autor de, entre outros, *Marxismo e Política. A dualidade de poderes e outros ensaios* (São Paulo: Cortez, 1996). (Nota da *IHU On-Line*)

³³ Leandro Konder: filósofo e professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e autor de várias obras, entre elas *Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965); *A democracia e os comunistas no Brasil* (Rio de Janeiro: Graal, 1980); e *A derrota da dialética: A recepção das idéias de Marx no Brasil*, até o começo dos anos trinta (Rio de Janeiro: Campus, 1988). Em maio de 2002, foi homenageado com o Prêmio Darcy Ribeiro de Melhor Intelectual do Ano durante a cerimônia de lançamento do Fórum do Rio de Janeiro. É considerado um dos grandes responsáveis pela divulgação e expansão dos diálogos sobre o marxismo no Brasil. Filho de Valério Konder,

Vianna³⁴, Marco Aurélio Nogueira³⁵ e Luiz Sérgio Henriques³⁶. Alguns liberais, e pessoas de extrema esquerda também interpretaram as obras de Gramsci, de maneira diferente.

Gramsci foi importante na construção da esquerda porque justificava, delineava e trazia elementos de reflexão para uma esquerda que tentava fazer uma política de frente democrática contra o regime militar. Várias categorias do Gramsci e do euro-comunismo foram usadas no Brasil por uma parte da esquerda que estava se reconciliando com a democracia, e que achava que não se devia lutar pela derrubada da ditadura, mas sim pela derrota da ditadura. A idéia era fazer uma política de frente para isolar o regime militar. Então, categorias de Gramsci, como a Guerra de Produção e a idéia de que o País já era ocidentalizado e não oriental, comportavam a luta política institucional, luta de massa, reivindicação da democracia. Esse foi o Gramsci importante para a reconstrução da esquerda brasileira. Isso influenciou no começo o velho comunismo e depois se propagou pelo petismo, que tinha muitos elementos em contradição com a velha esquerda comunista. Mas Gramsci foi

médico e líder comunista, Leandro teve o primeiro contato com os ideais marxistas durante a infância, em sua própria casa, onde intelectuais do Partido Comunista Brasileiro (PCB) se reuniam. Tanto que ele militou dos 15 aos 47 anos no partido. O que era apenas um interesse infantil gerou mais de 20 obras publicadas, além de traduções de autores marxistas como o húngaro Georg Lukács. Por causa da luta política, foi obrigado a fugir para a Alemanha, na década de 70, com o regime militar em seu encaço. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁴ Nesta mesma edição, confira uma entrevista com Luiz Werneck Vianna. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁵ Marco Aurélio Nogueira: cientista político brasileiro, docente na Universidade Estadual Paulista (UNESP) e no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Puc-SP, Unicamp). Confira, nesta edição, uma entrevista especial concedida por Nogueira à *IHU On-Line*. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ Luiz Sérgio Henriques: ensaísta, tradutor e editor do site Gramsci e o Brasil, www.acesa.com/gramsci/. É um dos organizadores das obras de Antonio Gramsci em português, especialmente a nova edição dos Cadernos do Cárcere. (Nota da *IHU On-Line*)

particularmente influente nos dois casos, porque, em ambos, a atenção da luta democrática, institucional e eleitoral, era importante.

***IHU On-Line* - Hoje, que reflexos de sua obra sobrevivem nos partidos de esquerda do Brasil?**

Gildo Marçal Brandão - Eu não conheço bem os partidos de esquerda que sobrevivem no Brasil. Mas eu tenho impressão que a obra de Gramsci deixou algum resquício intelectual. Por exemplo, existe um site chamado *Gramsci e o Brasil*³⁷, que reúne intelectuais que ainda são ligados a uma posição de esquerda democrática, de esquerda gramsciana, no Brasil. Mas o Gramsci como elemento de direção política, de definidor de estratégias, não existe mais. A influência dele na esquerda brasileira é muito pequena. É claro que ficou a marca de um certo setor da esquerda democrática, da esquerda que considera a democracia um valor universal. É aí onde Gramsci sobrevive como influência intelectual.

***IHU On-Line* - Por que os ensinamentos de Gramsci se perderam nos partidos de hoje?**

Gildo Marçal Brandão - Primeiro porque o marxismo saiu do cenário, ou seja, ele foi fortemente abandonado e superado. O desprestígio das idéias marxistas afetou muito os teóricos latinos. Gramsci, deles todos, talvez seja um dos que melhor resista, justamente porque tem o marxismo muito voltado para a análise de situações e processos políticos. Nesse ponto, o Gramsci tem muito o que dizer. Boa parte do pensamento marxista, hoje, não é nem muito considerado. Por exemplo, um critério-chave do marxismo e do próprio Gramsci é a análise das classes como motor das mudanças sociais. Ora, se observarmos a sociologia moderna, dos últimos 20 anos, se percebe que há um abandono quase generalizado da

³⁷ Endereço do site *Gramsci e o Brasil*:

http://www.acesa.com/gramsci/?page=quem_somos. (Nota da *IHU On-Line*)

teoria das classes para explicar as mudanças sociais. Muitos sociólogos tomavam a teoria das classes como o principal vetor que explicava a mudança social. Hoje, não se tem mais nenhuma teoria nesse estilo. Não se tem mais, nas ciências sociais, teorias que explicam o conjunto. Existem, sim, teorias que explicam partes, de alcance médio, mas não globais. Há um desprestígio que afetou o marxismo, o funcionalismo, o estruturalismo. Toda essa influência recente do pós-modernismo jogou teóricos como Gramsci em segundo plano. Isso não quer dizer que não sobrevivam ou existam intelectuais marxistas de primeira categoria, com posições divergentes.

***IHU On-Line* - Carlos Rosselli referiu-se a Gramsci como um gênio. Quais são suas principais contribuições à ciência política atual?**

Gildo Marçal Brandão - Gramsci sempre se recusou de separar a política da sociologia, da economia, da cultura. Ele sempre pensou globalmente. Hoje, as ciências sociais são muito fragmentadas e segmentadas. Então, batia de frente com isso. Apesar de ser um marxista, e ser contra de qualquer tipo de elitismo, ele sempre achou que as ciências sociais tinham que estudar e abarcar um conjunto de atividades, pelos quais as classes dirigentes não só mantêm como justificam seu domínio e tentam

obter o consentimento passivo dos governados. Para ele, o problema político central era superar a divisão entre governantes e governados, isto é, transformar os governados, que constituem a classe subalterna, em capazes de serem governantes. Por isso, ele acreditava que não bastava vencer; era necessário convencer. Era possível que um grupo político, mesmo sem estar no poder, podia se transformar numa classe dirigente da sociedade, desde que soubesse transformar os seus interesses em interesses universais desta sociedade. Por esse caminho, Gramsci cunhou a razão da hegemonia, que é fundamental para as ciências políticas. Essa idéia de hegemonia, ao meu ver, é a principal contribuição que ele deu às ciências sociais.

***IHU On-Line* - Como Gramsci pode contribuir para fortalecer a democracia brasileira?**

Gildo Marçal Brandão - Do jeito que entendo, Gramsci nos ajuda a pensar em como construir democraticamente a democracia, e construir o socialismo, no qual ele acreditava. O Gramsci aposta nesse caminho democrático e tende a ver essas duas coisas como um mesmo processo. Nesse sentido, ele é bastante coerente e reforça a capacidade que se tem de refletir e atuar num sentido de construir uma direção política que não apenas vença o adversário, mas o convença.

Democracia dos trabalhadores, essencial para a emancipação humana

ENTREVISTA COM MARCOS DEL ROIO

Para vencer o capitalismo, é necessário “a constituição de um novo proletariado, um novo movimento operário global, composto pela maioria da humanidade que trabalha, a fim de barrar a barbárie que vem sendo induzida pelo capital”. A consideração é do professor Marcos Del Roio, em entrevista concedida à IHU On-Line, por e-mail. Del Roio acredita que para cessar as conseqüências negativas do mundo capitalista, faz-se necessária a construção de uma democracia dos trabalhadores, a qual, ele considera “essencial” para a “emancipação humana”.

Marco Del Roio é formado em História e Ciências Sociais, pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Ciências Políticas pela Unicamp e doutor na mesma área pela USP. Especializou-se em Política Internacional na Universidade de Milão e cursou pós-doutorado na mesma universidade e na Universidade de Roma Tre. Atualmente, ele é professor de Ciências Políticas da UNESP. Eis a entrevista:

IHU On-Line - No que se refere a materialidade do capital, em que medida Gramsci foi influenciado por Lênin?

Marcos Del Roio - Lênin passou a ser um ator conhecido de Gramsci de forma mais efetiva apenas depois de 1923. O que pode ser percebido é que Gramsci incorporou as reflexões de Lênin e dos bolcheviques sobre o desenvolvimento capitalista, particularmente sobre o problema do imperialismo. A preocupação com os temas do capital financeiro, por um lado, e com as periferias, por outro, mostram como Gramsci tinha clareza dos nexos essenciais que delimitam o imperialismo.

IHU On-Line - De que maneira Gramsci, a partir das idéias de Lênin, renova o conceito de hegemonia?

Marcos Del Roio - A experiência de Gramsci na fase dos Conselhos de Fábrica de Turim, do periódico *L'Ordine Nuovo*, sugere como ele percebia que uma nova ordem social deveria brotar, tendo o processo produtivo como fundamento, e como a classe operária deveria ser a organizadora dessa nova ordem. A noção de hegemonia propriamente dita surge a partir do contato com o pensamento de Lênin. Para esse autor, a hegemonia era principalmente política, pois tratava-se de condensar uma aliança social que levasse a classe operária ao poder. No entanto, para o último Lênin, aquele que deu início ao período da NEP, a questão da hegemonia era mais complexa, na medida em que agora se tratava de garantir o consenso social na base do novo Estado, de criar os fundamentos econômicos-sociais do socialismo e a sua supra-estrutura político-cultural. A noção de

hegemonia, já com Lênin, se amplia pra todas as dimensões da vida social. Esse é o ponto de partida de Gramsci que, ao pensar formas sociais mais avançadas do imperialismo, nota que a luta pela hegemonia do trabalho, desde logo, demanda ampliação das frentes de constituição da hegemonia. A luta deve se postar tanto na produção e na cultura quanto na instância política propriamente dita. Não é correto, portanto, dizer, como fazem alguns, que o conceito de hegemonia em Lênin e Gramsci são substancialmente diferentes.

IHU On-Line - Como se apresenta e se relaciona a sociedade civil e a sociedade política em Gramsci?

Marcos Del Roio - A diferenciação orgânica entre sociedade civil e sociedade política (ou Estado) é obra da concepção liberal-burguesa e do modo burguês de organizar a vida social. A rigor, para Gramsci, a distinção entre sociedade civil e sociedade política é meramente metodológica, depende de como se aborda a totalidade social contraditória em desenvolvimento. Assim, por sociedade civil pode ser entendida tanto as relações sociais de produção e suas supra-estruturas imediatas como a totalidade social. Do mesmo modo, Estado pode ser entendido como a máquina burocrática e coercitiva “pública”, como Estado ampliado. Importante notar também o equívoco em que deslizam alguns interpretes ao suporem que o conceito de sociedade civil em Gramsci seja fundamentalmente diferente daquele de Marx e que seria uma dimensão apenas das supra-estruturas.

IHU On-Line - O que a derrota do fascismo deveria ter significado para a Itália?

Marcos Del Roio - Desde o primeiro momento, Gramsci se empenhou em compreender o fenômeno fascista pra poder combatê-lo. Essa compreensão se aprofundou na medida em que o próprio fascismo se consolidava como ditadura de classe da burguesia. O fascismo teria surgido

como uma reação burguesa diante do risco de que a revolução socialista alcançasse a Itália. Diante da debilidade da sua hegemonia, a burguesia precisara lançar mão do movimento de massas da pequena burguesia, a fim de derrotar a classe operária e recompor a sua hegemonia. De todo modo, avaliava Gramsci, o fascismo reproduzia apenas compromissos com o passado e defendia interesses parasitários. As tentativas de incorporação de método científico de trabalho e de modernização eram vistos como de base frágil. Pelas persistentes e agravadas contradições internas, Gramsci supunha que, na Itália, a queda do fascismo implicaria a queda do próprio capitalismo. Como se sabe, isso não ocorreu. Quando o fascismo ruiu, criou-se na Itália uma situação democrática que não redundou na transição socialista, mas na recomposição do poder burguês sob a forma de uma república democrática parlamentar.

IHU On-Line - Em que consistiu a sugestão de Gramsci para que o americanismo, o fordismo e a organização científico-racional do trabalho constituíssem a forma de reprodução do capital numa época imperialista?

Marcos Del Roio - Gramsci sugere que o assim chamado, americanismo-fordismo poderia ser uma forma de o capital combater a lei da tendência histórica ao declínio da taxa de acumulação. Isso ocorreria pelo aumento da taxa de exploração do trabalho por meio do gerenciamento científico da produção e por meio da adequação do trabalhador aos novos métodos de trabalho. O americanismo-fordismo, porém, também agravaria as contradições capitalistas, por criar um novo trabalhador coletivo em condições de refletir sobre a sua condição operária e, assim, gerar uma subjetividade antagônica a própria dinâmica do capital. Ademais, Gramsci supunha também que o americanismo-fordismo, por conta da sua força econômica, tenderia a se sobrepor a Europa, que permanecia atrelada a diversos

compromissos e interesses acumulados historicamente, agravando as suas contradições. Ao fim, note-se, Gramsci pensava nas contradições que tornariam possíveis a retomada do processo revolucionário na Europa e também na América.

***IHU On-Line* - Como o capital influencia e impede a construção de um novo movimento operário?**

Marcos Del Roio - A classe operária internacional que entre 1917-1921 se rebelou contra ordem e fez a revolução socialista, que, ao fim, ficou reclusa apenas na Rússia, foi destruída pela ação do capital. Isso ocorreu de duas maneiras: pela guerra e pela reorganização do processo de produção do capital. O americanismo-fordismo, tal como estudado por Gramsci, foi um esforço refletido pra combater a queda tendencial da taxa de acumulação e de reordenar a força de trabalho de modo a ser mais produtiva. Com a desqualificação do saber operário e o novo enquadramento da força de trabalho, a massa de trabalhadores é decomposta enquanto classe e movimento político operário. Como um trabalho de Sísifo, a luta social dos trabalhadores recomeça, em busca de organização, agregação e consciência, a fim de compor uma subjetividade antagônica materializada frente ao capital.

A chamada reestruturação produtiva e a mundialização do capital, em uma palavra o imperialismo atual, procederam a decomposição, em grande medida, da classe operária fordista, que havia se formado na fase anterior e que começava ameaçar a acumulação capitalista com taxas declinantes após a expansão do pós-1945. Por meios variados, hoje, o capital tenta impedir a formação de um novo movimento operário: pelas alterações gerenciais do trabalho, pela inovação tecnológica, pela propaganda, pela ideologia, pela repressão policial, pela cooptação de lideranças políticas etc., armas aliás tradicionais, apenas que mais

sofisticadas.

***IHU On-Line* - Por que o senhor afirma que a constituição do proletariado em classe é a única possibilidade de impedir que o capital se transforme no sujeito único da história e coloque a sobrevivência da humanidade em risco?**

Marcos Del Roio - O virtual esfacelamento do movimento operário, no decorrer dos últimos 30 anos como parte do empenho do capital na recomposição de suas taxas de acumulação, coincide com uma ação destrutiva sobre a força de trabalho e sobre o ambiente. Assim, uma ação histórica orientada pelo interesses do capital tende a devastar o ambiente terrestre e a vitimar grande parcela da humanidade. A saída difícil, mas necessária, é a constituição de um novo proletariado, um novo movimento operário global, composto pela maioria da humanidade que trabalha, a fim de barrar a barbárie que vem sendo induzida pelo capital na sua desesperada ação para se preservar indefinidamente.

***IHU On-Line* - É possível, no mundo atual, construir a democracia dos trabalhadores?**

Marcos Del Roio - A construção de uma democracia dos trabalhadores é a condição mesma e a forma essencial de luta contra a barbárie e pela emancipação humana. Não é tarefa simples e seus meios não estão predeterminados, mas tem que partir de princípios estabelecidos anteriormente pela tradição de luta revolucionária, como o auto-governo, a autogestão, o antagonismo frente o capital. Essa democracia dos trabalhadores é um aspecto constitutivo e distintivo de uma revolução socialista internacional, que, por sua vez, é o meio possível de reverter a barbárie tecnológica e a catástrofe ambiental, que avançam sobre a humanidade.

***IHU On-Line* - O que o senhor destacaria ou**

apresentaria como sendo o “Moderno Príncipe”, na atualidade?

Marcos Del Roio - Muito se questiona sobre o sujeito e a forma de organização da luta contra o capitalismo no mundo de hoje. Quando Gramsci formulou a hipótese do Príncipe Moderno como expressão do movimento operário em fase de proposição da hegemonia, tê-lo como analogia do Príncipe de Maquiavel, obra que expressou um importante e decisivo momento da história italiana. Segundo Gramsci, o Príncipe de Maquiavel seria um líder militar com condições de liderar um exercito formado por camponeses cultivadores com objetivo de expulsar os franceses e germânicos da Itália e de anular o poder da Igreja.

Era imprescindível, então, um estreito vínculo entre liderança política-militar-intelectual e massas populares. Essa experiência não aconteceu naquele momento histórico, mas exemplos bem-sucedidos de relação estreita entre massas e intelectuais foram a Revolução Francesa e a Revolução Russa. O sucesso da revolução socialista dependia então de uma relação muito particular entre intelectuais e massa, entre cultura e trabalho manual. O Príncipe Moderno só poderia ser um organismo que surgisse da luta de classes, do amadurecimento dos trabalhadores como classe operária,

da sua capacidade de gerar os seus próprios intelectuais. Esse organismo se constituiria a partir da classe, mas sempre como parte da classe e seria o embrião de uma nova forma de viver, um instrumento de execução de uma reforma moral e intelectual de longo alcance, necessariamente materializada em novas formas de produzir a vida material. Esse organismo em desenvolvimento, a um certo ponto, colocaria, na ordem do dia, a superação do capital e a hegemonia do trabalho, além da democracia dos trabalhadores. As instituições sociais da classe operária se enfraqueceram e mudaram a sua inserção no mundo de hoje. O Príncipe Moderno foi derrotado como fora o projeto de Maquiavel. Nas condições de hoje, quando é muito incipiente a formação desse novo movimento operário, dessa humanidade que se emancipa pelo trabalho, o organismo coletivo de massa, que poderá ser um Príncipe do novo século, ainda está longe de ter o seu perfil discernível. Mas terá que ser bem mais que os partidos operários comunistas do século XX. Esse organismo se desenvolve conforme a classe se desenvolve e a luta avança.

O Príncipe moderno não é mais um partido ou o partido, mas a televisão

ENTREVISTA COM GIULIO FERRONI

Para o professor de literatura italiana da Universidade La Sapienza, de Roma, Giulio Ferroni, a concepção gramsciana do moderno Príncipe não está presente nas idéias dos atuais partidos de esquerda italianos. Ele é enfático ao dizer que, na Itália, “o moderno Príncipe atual é a televisão”. Ferroni ressalta que na política italiana, Gramsci foi usado como modelo polêmico, principalmente entre 1950 e 1960. “O Partido Comunista procurou construir um modelo gramsciano”, impondo uma “hegemonia” cultural própria, ele explica. E, em seguida, dispara: “mas aquele modelo atuou apenas em parte sobre as massas trabalhadoras e foi cancelado totalmente do domínio da mídia, da cultura da aparência, da publicidade, do espetáculo”.

De sua produção intelectual, citamos: Mutazione e riscontro nel teatro di Machiavelli (Bulzoni, Roma 1972), Il comico nelle teorie contemporanee (Bulzoni, Roma 1974) e Istruzione, cultura e illusioni della riforma (Einaudi, Torino 1997). A entrevista a seguir foi concedida por e-mail à IHU On-Line. Confira:

IHU On-Line - Qual é a atualidade do conceito de intelectual orgânico, cunhado por Gramsci?

Giulio Ferroni - Poder-se-ia dizer que o conceito de intelectual orgânico é, ao mesmo tempo, atual e inatual. Atual pela lucidez com que Gramsci estendeu a categoria de intelectual, incluindo não só as figuras tradicionais (escritores, filósofos, artistas etc.), mas abrangendo todas as figuras de técnicos e de mediadores do consenso e das formas de consciência e conhecimento sob títulos diversos (aqueles que hoje poderíamos chamar de operadores culturais). Inatual porque hoje não podemos mais falar de intelectuais que sejam orgânicos para uma classe ou um grupo de classes. Quando muito, há intelectuais funcionários que são orgânicos em relação ao sistema de comunicação e intelectuais anorgânicos, que resistem ao sistema global da comunicação, sem nenhum mandato social.

IHU On-Line - Na Itália, como a intelectualidade da esquerda e da direita se posicionaram no século XXI com base neste conceito?

Giulio Ferroni - No fundo, os verdadeiros intelectuais orgânicos foram aqueles “políticos” com que precisamente o fascismo tentou construir, mesmo que contraditoriamente, um modelo de atividade intelectual centralizada, reunindo em torno de uma função orgânica até mesmo intelectuais divergentes e de oposição (como é o caso do Instituto da Enciclopédia italiana e da atividade de Giovanni Gentile³⁸, ou da revista *Primato*,

³⁸ Giovanni Gentile (1875-1944): filósofo italiano. A partir de 1906 passou a colaborar com Benedetto Croce, pensador italiano que acabara de fundar a revista *La Critica*. Desenvolveu - especialmente em sua *Teoria geral do espírito como ato puro* - um idealismo atualista, que pretendia superar dialeticamente todas as oposições sem suprimi-

dirigida por Giuseppe Bottai³⁹). Na esquerda, foi o Partido Comunista Italiano, de 1945 a 1970, que tentou, de várias maneiras, criar um grupo de intelectuais orgânicos, empenhados no trabalho de construir o consenso para aquele “Moderno Príncipe” que era o partido. Mas fala-se que se tratou prevalentemente de intelectuais “políticos” ou de intelectuais funcionários, enquanto as contribuições mais fecundas para o pensamento e a política de esquerda vieram precisamente de intelectuais “anorgânicos”.

***IHU On-Line* - Como o senhor faz a análise da influência de Maquiavel no pensamento político de Gramsci? Que elementos conserva do escritor florentino e em que o supera?**

Giulio Ferroni - Para Gramsci, Maquiavel⁴⁰ é um grande modelo “mítico”. Gramsci vê em Maquiavel a capacidade de confrontar-se com as mais avançadas monarquias européias da época e a busca de uma intervenção sobre a situação italiana que criasse, também na Itália, um regime centralizado e moderno: o Príncipe é aquele que sabe dar-se conta da situação e sabe pôr em campo todos os meios para agir sobre ela, conquistando no “povo” o necessário consenso. Assim, o partido moderno deve ter, como o Príncipe de Maquiavel, aquela capacidade de suscitar consenso e de intervir de modo revolucionário na situação contemporânea. Este é, precisamente, o mito

las, propondo-se como uma “dialética do pensamento pensante”. Nessa filosofia acreditou ver a realização do fascismo. Foi ministro da Instrução Pública no governo de Benito Mussolini entre 1922 e 1925, e autor de uma reforma do ensino. (Nota da IHU On-Line)

³⁹ **Giuseppe Bottai** (1895-1959): advogado, economista e jornalista italiano, membro do Partido Nacional Fascista de Mussolini. (Nota da IHU On-Line)

⁴⁰ **Nicolau Maquiavel** (1469-1527): historiador, filósofo, dramaturgo, diplomata e cientista político italiano do Renascimento. É reconhecido como fundador da ciência política moderna por escrever sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser. Separou a ética da política. Sua obra mais famosa, *O príncipe*, foi dedicada a Lourenço de Médici II. (Nota da IHU On-Line)

do “Moderno Príncipe”. Mas Gramsci também percebeu, no cárcere, a falência do projeto de Maquiavel, acabando por também ver nele uma imagem de sua própria derrota.

***IHU On-Line* - Quais seriam as maiores diferenças entre a concepção de Estado de Gramsci em relação a Marx e Lênin?**

Giulio Ferroni - A maior diferença está no fato de que, em seu pensamento mais maduro, Gramsci parece indicar a imagem de um Estado muito articulado, cuja estrutura não deve apoiar-se sobre a ditadura do proletariado, mas sobre a capacidade do proletariado de ser “hegemônico”, de impor o desenvolvimento revolucionário através do consenso e da aliança com as classes intermediárias.

***IHU On-Line* - Togliatti afirmou que Gramsci era o primeiro bolchevique italiano, o primeiro leninista do país. De que modo a concepção gramsciana de “Moderno Príncipe” influencia os atuais partidos de esquerda na Itália?**

Giulio Ferroni - Bolchevique nos anos da revolução soviética e naqueles da fundação do Partido Comunista Italiano, Gramsci se afastou do bolchevismo no pensamento mais maduro dos *Cadernos do cárcere*, pensamento que também é animado por uma forte contradição e por uma grande tensão dramática. Quanto à concepção do “Moderno Príncipe”, os atuais partidos de esquerda, também aqueles que ainda pretendem ser “comunistas”, estão, com efeito, muito distantes disto. Na realidade, o atual “Moderno Príncipe” não é mais um partido ou o partido, mas é a televisão.

***IHU On-Line* - Para Lênin, os soviets são órgãos do governo para os trabalhadores, os quais são conduzidos pelo estrato de vanguarda do proletariado e não pelas massas trabalhadoras. De que modo esta situação se**

apresentou na Itália? Houve na Itália uma revolução cultural do ponto de vista gramsciano?

Giulio Ferroni - Parece-me que, na política italiana, Gramsci tenha sido usado como modelo polêmico e lhe tenham sido atribuídos os pontos de vista mais diversos e até mesmo opostos. Sobretudo nos anos 1950 e nos primeiros anos 1960, o Partido Comunista procurou construir um modelo gramsciano, procurando impor uma “hegemonia” cultural própria, também para a inteligência, a rica cultura dos seus dirigentes, mas que atuou apenas em parte sobre as massas trabalhadoras e foi totalmente eliminado do domínio da mídia, da cultura da aparência, da publicidade, do espetáculo.

IHU On-Line - Poderia dar detalhes do contexto no qual emergem e o que eram as Comissões Internas, consideradas por Gramsci como embriões de soviets?

Giulio Ferroni - Em meio aos conflitos econômicos e sociais da Itália saída da Primeira Guerra Mundial, no contexto muito vivaz e vital da Turim operária, os Conselhos de fábrica foram uma grande tentativa de gestão direta da fábrica por parte dos operários (que o turinense Gobetti⁴¹ apreciava precisamente a partir de um ponto de vista “liberal”): certamente havia muitas semelhanças com os soviets, mas eles emergiam num horizonte cultural, econômico e social muito diverso.

IHU On-Line - Gramsci teve influência na literatura italiana? De que forma?

Giulio Ferroni - A influência foi importante do ponto de vista da crítica e da teoria literária, e, sobretudo, da lingüística. Um eco da reflexão de Gramsci é sentido provavelmente naquelas experiências que confrontaram a língua nacional com os diversos dialetos que deram atenção ao encontro e aos conflitos entre a língua

⁴¹ Piero Gobetti (1901-1926): jornalista, intelectual e radical liberal italiano. Foi crítico dos anos de crise da Itália após a Primeira Guerra Mundial. (Nota da *IHU On-Line*)

literária e a expressividade das línguas regionais (de Pasolini a Meneghello). Na famosa poesia de Pasolini “Le ceneri” [As cinzas], há uma referência a um modelo heróico, à perspectiva histórica e política e ao empenho por uma nova humanidade que Gramsci representa, mas não se pode falar de um verdadeiro influxo de Gramsci. Sobre narradores e poetas a influência de Gramsci foi somente indireta.

Igual liberdade, uma palavra de ordem unificadora

ENTREVISTA COM LUIZ WERNECK VIANNA

Em entrevista por telefone, exclusiva à IHU On-Line, o sociólogo Luiz Werneck Vianna disse acreditar “que a composição dos quadros de esquerda já vem passando por uma formação gramsciana. Inclusive aqui, no Brasil, a obra gramsciana teve uma grande difusão a partir dos anos 1970 e serviu muito para enriquecer a análise inclusive dos partidos, movimentos e personalidades que faziam resistência ao regime militar dando a eles um novo horizonte, um novo sistema de orientação que se demonstrou muito útil”.

Werneck Vianna é professor pesquisador do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, é autor de, entre outros, A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil (Rio de Janeiro: Revan, 1997); A judicialização da política e das relações sociais no Brasil (Rio de Janeiro: Revan, 1999); e Democracia e os três poderes no Brasil (Belo Horizonte: UFMG, 2002). De Werneck Vianna, a IHU On-Line publicou entrevistas exclusivas na 44ª edição, de 25-11-2002 e na edição 192, de 21-08-2006 sob o título “A política está viva”. Na semana passada, Luiz Werneck Vianna concedeu entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, em 05-08-2007, intitulada “Estado Novo do PT”. “É uma metáfora, mas é mais do que uma metáfora”. A análise de conjuntura, semanalmente publicada pelas Notícias do Dia da página do IHU, www.unisinos.br/ihu, em 09-08-2007, repercutiu amplamente a entrevista.

IHU On-Line - Em entrevista à nossa revista, em 21-08-2006, o senhor afirma que a política está viva em toda parte. Como as idéias de Gramsci podem ajudar a manter viva e atualizar a política?

Luiz Werneck Vianna - Gramsci foi um pensador da política, mas não apenas da política concebida na sua arena formalizada, das instituições propriamente políticas como partidos, parlamento, Estado. Ele pensou, sobretudo, sobre como se fazia a política e esta se instalava na sociedade civil. A meu ver, essa foi a grande perspectiva nova que ele trouxe à cena contemporânea. Ele percebeu a escola e a família como lugar da política,

além das principais instituições, como agências da sociedade civil e lugares onde a disputa por valores se instala. Para Gramsci, nesse sentido, não bastava para a mudança social a conquista do poder político, do vértice do poder do Estado. Era necessário, sobretudo, que isso, se viesse a ocorrer, ocorresse depois que as principais mudanças já tivessem sido experimentadas, vivenciadas pela sociedade civil. Daí que o conceito de hegemonia, para ele, é chave. Hegemonia como um lugar de disputa de valores, de formação de consenso e, nesse sentido, esse tema dialógico, hoje tão em voga depois da grande obra habermasiana, não deixa de encontrar suas

primeiras manifestações na obra gramsciana. Essa seria uma primeira aproximação possível.

***IHU On-Line* - Quais seriam as maiores contribuições desse pensador para a moderna Ciência Política? Ele pode ser considerado um divisor de águas como o foi Maquiavel? Considera Gramsci um clássico, assim como Marx e Engels?**

Luiz Werneck Vianna - Gramsci foi um grande leitor de Maquiavel. Ele difundiu a obra de Maquiavel, fez uma bela interpretação moderna do seu sentido, mas penso que a importância dele, pelo menos até onde alcança o registro contemporâneo, ainda não tem o mesmo papel que teve a obra de Maquiavel, que é um clássico que rompe a barreira dos tempos. Gramsci ainda está muito impregnado ao nosso tempo. Vamos ver o que será feito com sua obra daqui para frente. De qualquer forma, estes são temas recorrentes em Gramsci que ficaram para a Ciência Política contemporânea: a sociedade civil e o papel dos intelectuais como produtores do consenso. Outro tema que lhe é tributado é de como o poder, antes de ser disputado tendo como eixo o horizonte próximo ao vértice do poder do Estado, é algo que se disputa permanentemente na cena aberta da sociedade civil. Daí ele ter dedicado, também, muita atenção ao papel das instituições difusoras de valores, como igreja, escola, intelectuais. Esses são temas muito poderosos na reflexão de Gramsci.

***IHU On-Line* - A obra desse italiano deveria compor a formação dos quadros de esquerda?**

Luiz Werneck Vianna - Eu acredito que a composição dos quadros de esquerda já vem passando por uma formação gramsciana. Inclusive aqui, no Brasil, a obra gramsciana teve uma grande difusão a partir dos anos 1970 o que serviu muito para enriquecer a análise inclusive dos partidos, movimentos e personalidades que faziam resistência ao regime militar, dando a eles um

novo horizonte, um novo sistema de orientação que se demonstrou muito útil. Ao invés de se combater diretamente o regime militar de armas na mão, como tantos preconizavam, existiu a luta cultural, a luta política, a luta com base na arregimentação da sociedade civil que ficou clássica, entre nós, no final dos anos 1970 e no começo dos anos 1980. Há que se destacar o papel da sociedade civil organizada através da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dos sindicatos. Esses foram os principais agentes que minaram a resistência do regime e que criaram a possibilidade para a transição e para o retorno da democracia política no país. A obra de Gramsci, nesse sentido, foi muito importante, presente na esquerda de uma forma ou de outra, em vários partidos, inclusive no PT. Há quadros petistas que são gramscianos, assim como há quadros do PSOL além do PMDB e de outras formações partidárias. O próprio Fernando Henrique Cardoso, em *A arte da política*, sua biografia política, por várias vezes reverencia a obra de Gramsci como relevante.

***IHU On-Line* - E, quanto ao papel dos intelectuais na política, o que se pode esperar nos dias de hoje a partir do legado gramsciano?**

Luiz Werneck Vianna - Os intelectuais orgânicos estão aí. É só ler os jornais. Entre os intelectuais orgânicos do capitalismo brasileiro, da ordem burguesa, se encontram os economistas, organizadores e sistematizadores do mundo do mercado. Eles estão juntos, atuam junto às empresas financeiras, às indústrias, são assessores, consultores, refletem junto aos dirigentes empresariais em federações de indústrias, confederações, assim como se encontram, do outro lado, os intelectuais orgânicos dos setores subordinados, do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), dos sindicatos. Por outro lado, há que se notar que o mundo

contemporâneo também tem gerado uma multidão de intelectuais que Gramsci chamaria de tradicionais. São homens e mulheres sem maior pertencimento às classes fundamentais e que atuam em nome de valores gerais ou abstratos, como igualdade, liberdade, justiça, e que são objeto de permanente disputa no sentido de fazer com que pendam para um lado, ou para o outro. De modo que esse é um conflito aberto, uma disputa de idéias permanentemente aberta, bem como de valores. O segredo do que Gramsci ensinou está na conquista desses intelectuais tradicionais porque neles se encontra a ligação mais forte, efetiva, com as agências organizadoras do social. O professor, o sacerdote, o médico são intelectuais tradicionais, que não tem uma ligação explícita com as classes fundamentais, mas que são disputados por elas. Essa disputa, em termos de valores e práticas, é a chamada batalha das idéias.

***IHU On-Line* - O método gramsciano é atual para confrontar os desafios políticos que existem na sociedade contemporânea?**

Luiz Werneck Vianna - Algumas coisas estão peremptas. Outras morrem com o século. Gramsci, por exemplo, imaginava, como toda a literatura marxista da época, a fábrica como principal agência produtora de valores. A nova ética viria do mundo fabril, da solidariedade, da cooperação, da produção do moderno. O mundo do trabalho continua a ter sua importância, sem dúvida, mas não tem a mesma importância que teve e que se imaginava que viria a ter. De modo que essa referência poderosa de Gramsci ao mundo fabril como o lugar por excelência de produção de uma nova eticidade é um mundo perempto, que perdeu a sua força originária. No mais, o tema do consenso, hegemonia, da política fundada numa comunicação aberta, permanente, isso tudo, de certo modo, está revitalizado pela obra habermasiana, que é a mais influente do nosso tempo.

***IHU On-Line* - O senhor apontaria algum intelectual no cenário político internacional das esquerdas com a força teórica e o poder articulador de Gramsci?**

Luiz Werneck Vianna - Não. Essa matriz à esquerda com essa capacidade de articulação não existe mais. O mundo está muito fragmentado, além do mais ele se diferenciou muito e a complexidade é a palavra chave desse mundo. Especialmente nesse cenário da globalização, acredito que o mundo não é aberto apenas por uma chave. É um mundo a ser tornado mais transparente e que necessita a mobilização de muitos códigos, chaves, linguagens. Imagino que uma linguagem comum seja a do tema da igual liberdade. Isso é uma palavra de ordem unificadora.

***IHU On-Line* - Ou seja, a característica fragmentária da pós-modernidade foi transposta para a política...**

Luiz Werneck Vianna - Sim, pois não existe mais uma chave única de interpretação. Há muitos caminhos a serem trilhados para um outro mundo possível.

***IHU On-Line* - O intelectual italiano Giulio Ferroni afirmou em entrevista à nossa revista que, na Itália, o “Moderno Príncipe” não é mais o Partido, mas a televisão. Como o senhor interpreta essa afirmação em termos de Brasil, tendo em vista o aparato de marketing político dos partidos e o jornalismo cooptado que muitas emissoras exercem?**

Luiz Werneck Vianna - A mídia é um ator importante na cena contemporânea, mas ela sozinha não faz nada. Há um conjunto de novos atores emergentes na cena contemporânea. Um deles é o direito, e a combinação da mídia com o direito é uma combinação muito poderosa em nossos dias. Os movimentos sociais são muito relevantes, como as ONGs. Creio que a idéia de Giulio Ferroni está forçada, extremada em um aspecto. Mas acredito que ele não pretendia fazer teoria com isso.

O conceito de sociedade civil como uma das maiores contribuições de Gramsci

ENTREVISTA COM LINCOLN SECCO

De acordo com o professor Lincoln Secco, do Departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), Gramsci deixou indicações preciosas sobre o papel dos aparatos de hegemonia na manutenção da dominação de classe. Entre essas indicações, ele destaca o “conceito de sociedade civil” que, no aspecto institucional, “diz respeito ao conjunto das instituições privadas de hegemonia, as quais difundem ou criticam a ideologia dominante: jornais, TVs, rádios, editoras, teatros, cinemas, escolas, igrejas, partidos, sindicatos”. Para Secco, “boa parte da esquerda compreendeu que a luta pelo socialismo passa primordialmente por estes meios, e não por um simples assalto militar ao poder”.

Secco é graduado e mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em História Econômica, pela mesma universidade, desde 2003, é professor do Departamento de História da USP. De sua produção bibliográfica, destacamos Um olhar que persiste: ensaios críticos sobre o capitalismo e o socialismo (São Paulo: Anita Garibaldi, 1997); Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas idéias (São Paulo: Cortez, 2002); e Gramsci e a Revolução (São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006). Confira, a seguir, a entrevista concedida por Secco, por e-mail, à IHU On-Line:

IHU On-Line - Quais são as maiores contribuições de Gramsci às esquerdas contemporâneas e, ainda, à ciência política?

Lincoln Secco - Gramsci foi um pensador muito além de seu tempo. Seus conceitos são ainda operacionais para a realidade contemporânea. Ele era um pensador bastante sofisticado e deixou indicações preciosas sobre o papel dos aparatos de hegemonia na manutenção da dominação de classe. Eu destacaria o conceito de sociedade civil que, no aspecto institucional, diz respeito ao conjunto das instituições privadas de hegemonia, as quais difundem ou criticam a ideologia dominante:

jornais, TVs, rádios, editoras, teatros, cinemas, escolas, igrejas, partidos, sindicatos. Boa parte da esquerda compreendeu que a luta pelo socialismo passa primordialmente por estes meios, e não por um simples assalto militar ao poder.

IHU On-Line - Pontualmente, quais traços gramscianos o senhor destacaria no Governo Federal atual?

Lincoln Secco - Não creio que se possa identificar em qualquer governo traços gramscianos. Mas a novidade dos atuais governos de esquerda da América Latina é que,

queiramos ou não, eles governam sem o apoio dos meios de comunicação de massas e sob um cerco implacável da opinião pública de classe média. Não entro no mérito do quanto eles são ou não radicais na prática, mas isso já é um fato inédito nos últimos 50 anos. No Brasil, tivemos uma experiência parecida com o segundo governo Vargas⁴², que atuou sob o ataque de jornais e da TV (com destaque para Carlos Lacerda⁴³). Mas a TV ainda engatinhava no Brasil e atingia pouca gente. Assim

⁴² **Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954)**: político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio o IHU promoveu o Seminário Nacional A Era Vargas em Questão - 1954-2004, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios, no Espaço Cultural do IHU. A revista *IHU On-Line* publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004* e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada *Getúlio*. Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26 de agosto de 2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o *IHU Idéias* Getúlio, 50 anos depois. O evento gerou a publicação do número 30 dos *Cadernos IHU Idéias*, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir. A edição número 82 dos *Cadernos IHU Idéias* também fala sobre Getúlio Vargas, com a exposição do tema *Trabalhadores e a política nos anos 1950: a idéia de "sindicalismo populista" em questão*, de autoria de Marco Aurélio Santana. Vale destacar o *Caderno IHU em formação* número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. As versões eletrônicas encontram-se disponíveis no sítio www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ **Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977)**: jornalista carioca. Iniciou sua carreira profissional em 1929, escrevendo artigos para o *Diário de Notícias*, publicados numa seção dirigida por Cecília Meireles. Em inícios de 1934, acadêmico de Direito, aproximou-se da Federação da Juventude Comunista, órgão do PCB. Durante um tempo foi comunista, passando para a extrema-direita, nos anos 1940. Editava o jornal *Tribuna da Imprensa*. Foi o principal inimigo de Getúlio Vargas. Para Lacerda, Vargas era excessivamente tolerante para com os comunistas, e seu governo era minado pela corrupção endêmica e pelo favorecimento dos seus aliados. (Nota da *IHU On-Line*)

sendo, os atuais governos de esquerda, incluindo Lula, precisam disputar a opinião pública e não reduzir sua ação ao aparato do estado *stricto sensu*. Precisam atuar no "estado ampliado", gramscianamente falando.

IHU On-Line - Como está hoje a situação da pesquisa acadêmica sobre Gramsci no Brasil?

Lincoln Secco - O Brasil é um dos países onde há maior interesse por Gramsci. Seminários ocorrem anualmente em várias universidades do país, como na Unesp, por exemplo. Mas há iniciativas acadêmicas e não acadêmicas, em cidades como Juiz de Fora, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Marília. Também há várias dissertações e teses defendidas que tematizam Gramsci na Ciência Política, Pedagogia, Serviço Social e História. Mesmo alguns geógrafos têm se voltado para Gramsci, discutindo a questão regional à luz da questão meridional italiana ou da unificação da península itálica a partir da hegemonia territorial do Piemonte.

IHU On-Line - Que novas possibilidades e mudanças as idéias de Gramsci oferecem no cenário político atual? Poderia citar o exemplo de alguns países onde seu legado político filosófico influencia o fazer político?

Lincoln Secco - Gramsci foi um homem derrotado, para usar uma expressão de Laurana Lajolo, sua biógrafa. Ele dirigiu seu partido por pouco tempo e logo foi preso. Sua influência mais direta se deu no Partido Comunista Italiano⁴⁴ do Pós-Segunda Guerra e, depois, nos partidos comunistas europeus e mesmo no Partido Comunista brasileiro dos anos 1970 e 1980. No PT, houve muito uso de conceitos gramscianos nos debates internos. Mas

⁴⁴ **Partido Comunista Italiano (PCI)**: Nasceu com a denominação inicial de Partido Comunista da Itália, da cisão de uma corrente de esquerda do Partido Socialista Italiano, liderada por Amadeo Bordiga e Antônio Gramsci. Entre 1924 e 1926, Gramsci foi secretário do partido. (Nota da *IHU On-Line*)

nenhum daqueles partidos chegou efetivamente ao poder, e quem chegou não quis ou não pôde gerar transformações radicais mesmo dentro da ordem. Mas não creio que a vitalidade de Gramsci se possa medir por seu sucesso político direto. Ele já se tornou um clássico (como Marx⁴⁵) e assim deve ser lido, sem nenhuma proibição àqueles que ainda querem nele se inspirar para elaborar programas de partidos.

***IHU On-Line* - É possível estabelecer uma comunicação virtuosa entre liberais e socialistas? Como isso seria possível?**

⁴⁵ **Karl Heinrich Marx (1818-1883):** filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no **Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, promovido pelo IHU. A palestra **A Utopia de um novo paradigma para a economia** foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O **Caderno IHU Idéias**, edição número 41, teve como tema A (anti)filosofia de Karl Marx, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

Lincoln Secco - Norberto Bobbio⁴⁶ responderia sim, e com ele toda uma tradição social liberal italiana muito importante. Na verdade, o liberalismo e o socialismo são filhos de uma mesma época: aquela aberta pela Revolução Francesa. Ambos são iluministas e acreditam em valores universais, como Estado nacional, classe social, igualdade, liberdade. E ambos estão sendo ameaçados ou desafiados pelo surgimento de ideologias pós-modernas e por lutas que defendem o direito à diferença e não à igualdade. Liberais e comunistas também tiveram uma luta em comum contra o fascismo, por mais que historiadores liberais hoje queiram aproximar o comunismo e o fascismo. Isso é a negação dos fatos históricos. Em termos políticos, também creio que socialistas e liberais autênticos possam se identificar na defesa da democracia. No entanto, tudo isso eu respondo em termos genéricos, não fazendo referência a qualquer país em particular. No Brasil, onde o liberalismo nunca foi efetivo e muitas vezes foi a capa ideológica mal feita do privilégio de classe e mesmo da escravidão, seria preciso discutir isso com mais profundidade.

⁴⁶ **Norberto Bobbio (1910-2004):** filósofo e senador vitalício italiano. Considerado um dos grandes intelectuais italianos, Bobbio era doutor em Filosofia e Direito pela Universidade de Turim, fez parte do grupo antifascista Giustizia e Liberta (Justiça e Liberdade). Adepto do socialismo liberal, Bobbio foi preso durante uma semana, em 1935, pelo regime fascista de Benito Mussolini. Em 1994, Bobbio assumiu publicamente uma posição contra as políticas defendidas por Silvio Berlusconi, que representava o centro-direita nas eleições gerais. Nesta altura, escreveu um dos seus ensaios mais conhecidos *Direita e Esquerda*, no qual se pronunciou contra a “nova direita”. Além desta obra, Bobbio assinou e realizou mais de 1300 livros, ensaios, artigos, conferências e entrevistas. Alguns dos livros mais recentes são: *Teoria Geral da Política* (Rio de Janeiro: Campus, 1999); *Diálogo em torno da República* (Rio de Janeiro: Campus, 2001); *Entre duas repúblicas* (Brasília: Ed. UnB, 2001); *Elogio da serenidade* (São Paulo: Ed. Unesp, 2002); e *O filósofo e a política* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2003). Na 89ª edição da revista *IHU On-Line*, de 12 janeiro de 2004, na editoria *Memória*, a vida e a obra de Norberto Bobbio são lembradas, em virtude de seu falecimento aos 94 anos, no dia 9 de janeiro de 2004. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Poderia explicar por que Gramsci amplia a concepção de Estado de Marx? Como essa concepção de Estado ampliado pode auxiliar a criar uma cultura da classe trabalhadora?

Lincoln Secco - Sinceramente, eu não me lembro de ter lido a expressão “estado ampliado” no próprio Gramsci. Mas ela foi difundida e, certamente, expressa sua concepção de Estado como algo que vai além do tradicional aparelho coercitivo que é o Estado *stricto sensu*. O Estado em Marx era um mero comitê para gerenciar os negócios da burguesia, embora ele tenha deixado as bases teóricas da superação dessa concepção. Em Gramsci, há uma compreensão do Estado que emerge

com a modernidade: ele não se reduz imediatamente a uma classe, pois guarda uma distância estrutural da camada dominante. O Estado é uma relação social mediada pela forma aparente dos aparelhos políticos de governo e repressão. Nós acreditamos ver nisto o Estado, mas ele é mais do que isso e perpassa toda uma rede de relações sociais que ajudam muito mais a reproduzir as condições que sustentam a sociedade burguesa. Isso é importante para os dirigentes da classe trabalhadora, pois eles compreendem, a partir daí, que não basta formar sindicatos e partidos operários. Também é preciso forjar uma nova cultura alternativa e, às vezes, oposta à dominante, embora se alimentando de tudo o que a humanidade produziu antes.

“O socialismo ou é democrático ou não é socialismo”

ENTREVISTA COM GIOVANNI SEMERARO

Para Giovanni Semeraro, as classes populares “chegam à hegemonia quando se tornam dirigentes”. No entanto, conquistar a hegemonia não pode ser considerado apenas um fato político, mas uma “transformação que afeta a economia e o modo de construir o conhecimento de um país”, explica. Semeraro destaca que é dentro desse processo que se constrói a “identidade das classes populares”.

Giovanni Semeraro é graduado em Filosofia, pela Universidade Estadual de Campinas, mestre em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, e em Educação, pela Fundação Getúlio Vargas e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é professor adjunto da Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Política e Educação (NUFIPE).

Confira a seguir a entrevista, concedida por e-mail, à IHU On-Line.

IHU On-Line - Em seus escritos, Gramsci dizia que, para as classes populares conquistarem a hegemonia, elas precisam passar por um processo constitutivo de sua identidade, de sua intelectualidade e por uma educação que exige a construção de um saber avançado. Essa situação proposta por ele ainda é um desafio para a Educação Popular? Que medidas são necessárias para aprimorar, atualmente, o conhecimento para as classes populares?

Giovanni Semeraro - As classes populares chegam à hegemonia quando se tornam dirigentes. Este é um processo que não é fácil, porque significa organizar-se para sair da subalternidade e educar-se para a autodeterminação. Ser dirigente, de fato, implica possuir um pensamento próprio que não dependa de ideologias alheias. Mas, acima de tudo, significa ter uma personalidade política coerente e elaborar uma proposta de sociedade superior à vigente, capaz de convencer pelas soluções que apresenta aos problemas reais, em condições de universalizar direitos, reorganizar a economia e o Estado a favor da grande massa da população. Conquistar a hegemonia, portanto, não é só um fato político, mas também uma transformação que afeta a economia e o modo de construir o conhecimento de um país. É dentro desse amplo processo que se constrói a identidade das classes populares, de modo que elas se tornem - como dizia Gramsci - “especialistas e políticas”, ou seja, dirigentes. A Educação Popular no Brasil, em sua longa experiência, já conquistou avanços consideráveis na política e no saber. Além do processo de libertação do colonialismo, no entanto, é preciso continuar a se organizar para apropriar-se não apenas dos conhecimentos mais avançados em todos os campos, mas para aprender a reinventar o país imprimindo a marca da ética e da socialização à ciência, à política, à economia, à relação com a natureza.

IHU On-Line - Que alternativas e caminhos o senhor propõe para a consolidação de uma cidadania emancipatória? É preciso reinventar a democracia?

Giovanni Semeraro - Mais do que “cidadania emancipatória”, que pode sugerir a inclusão (impossível) em um sistema restritivo de “democracia capitalista” que não se quer tocar, preferiria falar em “democracia que socializa” direitos e deveres, que se concretiza não apenas no momento das eleições, mas, principalmente, na distribuição dos bens materiais e simbólicos coletivamente produzidos. Para consolidar o processo democrático no Brasil, o caminho a seguir é a socialização do território, da habitação, do sistema de saúde, das instituições públicas, do conhecimento qualificado, da comunicação, da economia. Para a emancipação, portanto, não é suficiente garantir uma esfera pública aberta à “comunidade” dos “falantes”, como sugere, por exemplo, Habermas⁴⁷, mas é necessário, acima de tudo, a universalização dos direitos, o que permite a possibilidade até de poder falar e disputar modelos alternativos de sociedade e democracia. Isto não quer dizer que se deva reinventar a democracia do nada, porque há conquistas na história e no próprio liberalismo que se precisa reconhecer e assimilar, sem permanecer nos seus limites.

⁴⁷ **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, www.unisinos.br/ihu, editoria *Notícias do Dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Alguns especialistas dizem que, ainda hoje, a democracia é um desafio para os socialistas. Como se aplica, a partir das idéias de Gramsci, a democracia no socialismo?

Giovanni Semeraro - O socialismo ou é democrático ou não é socialismo. A democracia é desafio para os socialistas autoritários, o que é uma contradição, porque na prática nem socialistas eles são. Fora disso, os tais “especialistas” em democracia ignoram ou querem esquecer as extraordinárias contribuições, evidentes na história, de legiões de socialistas e comunistas em defesa da democracia e no avanço dela em todos os continentes. Na verdade, o que está faltando à democracia dos “especialistas” é a dimensão do socialismo. Pois, se formos partir das idéias de Gramsci, além de “aplicar” a democracia (supondo que exista uma fórmula) no socialismo, é necessário, acima de tudo fecundar a democracia com as perspectivas do socialismo.

IHU On-Line - Em que medida as idéias de Gramsci ajudam na elaboração de um mundo pós-moderno? Estamos carentes de políticos como ele?

Giovanni Semeraro - Antes de mais nada, seria preciso especificar o que se entende por pós-moderno. Se com essa expressão não muito feliz, queremos indicar o fim dos grandes discursos (das metanarrativas), das grandes promessas, da arrogância humana, da ditadura da razão, dos problemas inúteis etc.. As idéias de historicidade, de subjetividade, de falibilidade, de cultura popular, de valorização do particular, da “filologia” humana etc., presentes em Gramsci, se sintonizam com o projeto pós-moderno. Se por pós-moderno se entende a dissolução da consciência, do sujeito, da história, do partido, dos projetos, da política, da razão como tal etc., Gramsci ajuda muito a “desconstruir” este pós-moderno de marca neoliberal. Embora o quadro seja complexo, esta segunda concepção de pós-modernidade está levando à

despolitização, ao relativismo, à apatia, à evasão, à indiferença, à valorização do fragmento, do imediato, ao autismo e ao intimismo, com grave perda da visão do todo, das relações sociais, da grande política, da possibilidade da revolução, da entrega à militância e aos ideais da solidariedade humana. Dentro desse horizonte, a vida humana e social se amesquinha e não se surpreende com o fato de que hoje há carência no mundo de políticos como Gramsci.

IHU On-Line - Como o senhor descreveria o “filósofo democrático” criado por Gramsci? Há alguma inspiração platônica nesse conceito, como a do filósofo legislador?

Giovanni Semeraro - Nas pegadas de Marx, Gramsci revoluciona a política, ao defender que as classes subalternas podem tornar-se sujeitos políticos. E surpreende até os próprios marxistas, ao afirmar que “todos são filósofos”. O “filósofo democrático”, portanto, que Gramsci encarna, é o novo, revolucionário intelectual que abandona a sua posição de superioridade e separação, se reveste de humildade e se envolve com as concretas lutas populares, de onde deriva o seu conhecimento e para onde dirige seu trabalho intelectual. Não podemos esquecer que, antes de Paulo Freire⁴⁸, Gramsci fala de uma relação dialética, de

⁴⁸ **Paulo Freire** (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). No II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, do dia 30 de setembro de 2004, o Prof. Dr. Danilo Streck, do PPG em Educação da Unisinos, apresentou o livro *A Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire*. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria do professor Danilo na 117ª edição, de 27 de setembro de 2004. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. Sobre ele, confira uma biografia recém-lançada por sua esposa, Ana Maria Freire, intitulada *Paulo Freire, uma história de*

reciprocidade e simbiose, entre o “sentir” do povo e o “saber” do intelectual, de modo a reconhecer que “todo mestre é aluno e todo aluno mestre”. De onde se explica uma outra inovação introduzida por Gramsci ao falar de “intelectual coletivo”, quer dizer, de um processo de construção do conhecimento que acontece na sociedade e que se opõe à visão elitista do saber ou à caça por superdotados. Estamos nos antípodas da tradição milenária sistematizada por Platão, que reserva a um grupo restrito de pessoas os segredos do conhecimento e a tarefa de dirigir os outros.

IHU On-Line - Ao reconstruir o pensamento marxista, de que maneira Gramsci relaciona e aprofunda as relações entre filosofia e política?

Giovanni Semeraro - Em sintonia com Marx, que havia lançado o desafio aos filósofos de não se limitar a interpretar o mundo, mas de dedicar-se também a transformá-lo, Gramsci afirma que “a filosofia deve tornar-se política para ser verdadeira” e, ao mesmo tempo, “que a política deve tornar-se filosofia” para ter sentido e respiro de longo alcance. O filósofo, portanto, não pode deixar de ser político, assim como este ser um filósofo. Gramsci segue a lição de Marx, a partir do qual não é mais possível separar o pensar do agir, o mundo material do universo das idéias. Mas, com uma acentuação diversa de Marx, que se concentra mais nos processos econômicos, Gramsci enfatiza mais a estreita relação entre filosofia e política, concentrando o seu pensamento sobre o processo de formação da hegemonia, na análise das contradições na história do seu tempo e na formação das classes populares. Por isso, a sua reflexão se vincula organicamente ao compromisso político e à cultura. Quando a filosofia se separa desse

vida (Villa das Letras, 2006). Sobre Paulo Freire, a *IHU On-Line* produziu uma edição especial, intitulada *Paulo Freire. Pedagogo da esperança*, publicada no dia 11-06-2007. A edição 223 pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

terreno, se torna metafísica, assim como a política se torna mera ação imediata e burocrática se estiver desligada de visão filosófica de conjunto.

IHU On-Line - Qual é a relação dialética que Gramsci criou entre ciência e vida?

Giovanni Semeraro - Essa questão está interligada às perguntas anteriores, de modo que se para Gramsci “todos os homens são filósofos”, poderíamos dizer também que todos são cientistas, pelo fato de que não é mais possível imaginar a construção da ciência separada das soluções que os homens buscam na vida real. Na sociedade hegemônica pelas classes populares, o que deve entrar a fazer parte dos laboratórios e das pesquisas são os problemas concretos da vida humana, as necessidades reais da população e a condição do planeta, com o qual estamos descobrindo uma vinculação cada vez mais estreita. Neste sentido, quem faz ou deveria fazer ciência não é mais o cientista isolado, o gênio iluminado que inventa e patenteia seus achados. As descobertas e a construção do conhecimento são tarefas de todos e, a seu modo, o conjunto da população concorre com suas experiências, suas intuições e sinalizações que devem ser valorizadas. Também, nesse caso, é necessário universalizar as possibilidades, os instrumentos e os recursos, subtraindo-os aos interesses do capital e de grupos privados.

IHU On-Line - O senhor afirma que a filosofia da práxis, para Gramsci, tem uma concepção própria, que deve ser mantida longe tanto da “contaminação da filosofia do Iluminismo e do evolucionismo cientificista”, como do “espontaneísmo” e do “pragmatismo que constrói a filosofia ‘utilitaristicamente’ no sentido imediatista”. Em que consiste essa concepção de Gramsci sobre a filosofia da práxis? E por que ela deve ser mantida distante destas filosofias citadas?

Giovanni Semeraro - A novidade da filosofia da práxis consiste no fato de que as massas populares deixam de ser receptáculos passivos e se tornam protagonistas da política e da construção do conhecimento. Tudo isso é inaudito na história da humanidade, sempre separada em classes pela violência e a coerção. Mais inaudito ainda é que essa nova visão de política e de filosofia não devem ser parciais e redutivas, explorando só alguns pontos que interessam a grupos privados, mas deve ser orgânica, global e ao alcance de todos. Por isso, Gramsci não nivela por baixo ao apontar a formação político-

intelectual dos subalternos: o que exige deles é nada menos que o desenvolvimento de um ser humano integral que seja ao mesmo tempo político, filósofo, cientista e artista, que sabe recolher as melhores tradições no campo do saber e da vida coletiva para tornar-se criativo, livre e socializado. Isto que dizer que a filosofia da práxis não cabe apenas nos limites do Iluminismo que enaltece a razão e a individualidade, do pragmatismo que valoriza a ação pontual e a eficiência, do evolucionismo que encerra o ser humano na biologia e no naturalismo.

O desenvolvimento intelectual como formador de seres humanos livres e sujeitos da história

ENTREVISTA COM JAIME GIOLO

De acordo com Jaime Giolo, a burguesia divide a humanidade entre “os que têm direitos intrínsecos e os que têm direitos, mas que, para usufruí-los, terão que conquistá-los”. Nesse contexto, ele afirma que Gramsci incentiva a formação intelectual dos operários, pois eles “deveriam combater nesse terreno e alçar essa classe social ao nível da filosofia da práxis”, o que, segundo o italiano, seria o “início do processo de transformação de seres dominados em sujeitos da história”.

Jaime Giolo é graduado em Filosofia, pela Universidade de Passo Fundo, mestre em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutor em História e Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, ele é professor titular da Universidade de Passo Fundo, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação. É também coordenador geral de avaliação institucional e dos cursos de graduação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Eis a entrevista com Giolo, concedida por e-mail à IHU On-Line:

IHU On-Line - Como Mário Maestri e Luigi Candreva, em Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário⁴⁹ descrevem o momento em que Gramsci foi traído pelos companheiros da esquerda?

Jaime Giolo - Os autores citados mencionam, na verdade, três traições. A primeira deu-se em setembro de 1920, quando o nome de Gramsci foi rejeitado como candidato às eleições administrativas de outubro. Na ocasião, Gramsci militava, como toda a esquerda italiana, ainda no seio do Partido Socialista (o Partido Comunista só seria fundado em 21 de janeiro de 1921), organismo no qual seus amigos Palmiro Togliatti e Umberto Terracini⁵⁰ dominavam a seção socialista. Gramsci havia sido o grande mentor dos Conselhos de Fábrica, instituição, segundo ele, capaz de dar ao operariado a motivação necessária para ascender da consciência de assalariado à consciência de produtor, fazendo-o, dessa forma, cumprir sua missão histórica (revolucionária). Os Conselhos de Fábrica, com efeito, foram uma experiência organizacional dos trabalhadores de grande impacto e lhes permitiu ocuparem e dirigirem, entre agosto e setembro de 1920, grande parte das empresas industriais do norte da Itália. Negociações mal feitas e debilidades políticas da esquerda favoreceram a retomada das fábricas pelos donos do capital. Gramsci, além de atacado pela direita, sofreu também o ônus do sombreamento no seio de sua própria agremiação política e, nela, de seus companheiros mais próximos (Togliatti e Terracini).

Palmiro Togliatti protagonizou também a segunda traição, em 1926. Em 14 de outubro desse ano, Gramsci,

⁴⁹ MAESTRI, Mário e CANDREVA, Luigi. *Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário* (São Paulo: Expressão Popular, 2001) Nota da *IHU On-Line*

⁵⁰ Umberto Terracini (1895-1983): político italiano. Em 1919 se juntou a Palmiro Togliatti e Antonio Gramsci e funda o periódico *L'Ordine Nuovo*, porta-voz de uma campanha favorável à expulsão dos reformistas moderados do partido, como professava a União Soviética. (Nota da *IHU On-Line*)

membro do Parlamento Italiano e Secretário Geral do Partido Comunista Italiano (PCI) escreveu uma carta, em nome do PCI, ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS)⁵¹, condenando as brigas internas do partido soviético, sobretudo a perseguição iniciada por Stalin, Bukharin⁵², Rikov⁵³ e Tomsky⁵⁴ contra Trotsky,

⁵¹ Partido Comunista da União Soviética (PCUS): foi o nome usado pela facção política bolchevique do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, de 1952 a 1991. Durante toda a história da Rússia Soviética e da URSS, o Partido Comunista atuou como partido governante e majoritário. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵² Nikolai Ivanovich Bukharin (1888-1938): revolucionário, intelectual bolchevique e político soviético. Estudou economia e em 1906 se uniu ao setor bolchevique do Partido Operário Social-Democrata Russo, foi um dos teóricos marxistas mais destacados, além de jornalista e de colaborador próximo de Vladimir I. Lenin a partir de 1912. Desde então, foi uma das figuras dirigentes dos bolcheviques, embora frequentemente tenha entrado em conflito com a linha dura do Partido. Após alguns anos no exílio, regressou em 1917 à Rússia e, durante a Revolução de Outubro (1917), organizou o levantamento bolchevique em Moscou. Bukharin formulou os princípios da economia soviética (*Economia da Etapa de Transformação*, 1920), embora criticasse o crescimento demasiadamente acelerado do socialismo nos anos 20. Nikolai Bukharin ocupou importantes cargos políticos e no Partido. Após a morte de Lenin, de início tomou partido por José V. Stalin contra Trotsky e a oposição de esquerda, mas a partir de 1928 foi considerado por Stalin como possível rival e presumível líder da oposição de direita, razão pela qual foi afastado do poder em 1929. Mais tarde, depois de uma reconciliação formal, recebeu o lugar de redator-chefe do *Izvestia* (1934). No entanto, em 1937 foi preso e um ano mais tarde, em 1938, foi condenado à morte no terceiro falso processo de Moscou e executado nesse mesmo ano. Em 1988, durante a era de Mikhail Gorbachev, foi reabilitado jurídica e politicamente. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵³ Alexei Rykov (1881-1938): Um dos colaboradores mais chegados a Lênin, membro do Comitê Central Bolchevique desde a cisão do POSDR. Ingressou no Partido Bolchevique em 1903. Tornou-se presidente do Conselho Supremo da Economia, depois da Revolução de Outubro e após a morte de Lênin foi eleito Presidente do Conselho dos Comissários do Povo, posto que ocupou de 1924 a 1929. Durante os processos de Moscou, foi executado após ser condenado por traição e terrorismo em 1938. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁴ Tomsky (Mikhail Pavlovitch Efremov) (1880-1936): Social-Democrata em 1904, atuou junto a sindicatos, sendo preso e deportado para a Sibéria de onde fugiu, retornando para São Petersburgo para

Zinoviev⁵⁵ e Kamenev⁵⁶. No essencial, Gramsci afirmava que os últimos foram mestres dos comunistas italianos e deveriam ter lugar na política soviética. A carta foi enviada a Palmiro Togliatti, representante italiano na Internacional Comunista em Moscou, para que este a repassasse ao Comitê Central. Togliatti entregou a carta apenas para Stalin, obstruindo a esperança de Gramsci de estabelecer o debate no seio do PCUS e atraindo sobre ele a raiva do stalinismo. A terceira traição veio novamente com Togliatti e outros integrantes do PCI (Grieco e Tasca⁵⁷). Em 1927, quando Gramsci estava já preso pelo regime fascista, esses companheiros escreveram-lhe uma carta recomendando que tivesse comportamento duro perante os tribunais. No ano seguinte, uma nova carta, assinada por Grieco e expedida de Moscou, tratava de assuntos de política internacional. As cartas acabaram passando a mensagem velada aos controladores do cárcere de que Gramsci era, de fato, como a acusação sustentava, um homem

continuar com o trabalho sindical. Em 1909 foi novamente preso e condenado a 5 anos de trabalhos forçados. Em 1920 tornou-se Secretário Geral da Central Sindical Vermelha. Foi eleito para o Comitê Central do Partido Comunista e para o Politburo. Aliado de Stalin, em 1934 assumiu o posto de Diretor da Imprensa Oficial. Em 23 de agosto de 1936, após ser informado que seria preso pela NKVD, cometeu suicídio. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁵ **Grigory Yevseevich Zinoviev (1883-1936):** revolucionário bolchevique e político comunista soviético. Foi amigo de Lênin e condenado ao desterro e à prisão. Depois da morte de Lênin formou o “triumvirato diretivo” do Estado junto a Stálin e Kamenev. Em 25 de agosto de 1936 morreu executado junto a Kamenev por acusação de oposição a Stálin. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁶ **Lev Kamenev (1883-1936):** revolucionário e político soviético, um dos líderes da facção bolchevique do Partido Comunista da URSS e um dos mentores da Revolução Russa de 1917. Mais tarde, foi preso, julgado, condenado e executado por traição e atividade contra-revolucionária, juntamente com outros antigos bolcheviques (como Grigory Zinoviev) que faziam oposição à Stalin. A família de Kamenev também acabou executada - só um de seus filhos sobreviveu aos expurgos do governo Stalin. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁷ **Angelo Tasca (1892-1960):** dirigente socialista italiano. (Nota da *IHU On-Line*)

perigoso e de grande influência na política interna e externa. Maestri⁵⁸ e Candreva⁵⁹ asseguram que essa foi uma tática usada por epígonos do PCI e da Internacional Comunista para manter Gramsci preso por muito tempo, tendo em vista ser ele um potencial articulador da esquerda contra a liderança que Stalin estava assumindo no contexto do comunismo internacional. É decisivo considerar que a menção crítica a essas traições internas do partido e da esquerda (aliás, presentes em todas as organizações sociais) não deve obscurecer o fato de que o verdadeiro algoz e o terrível malfeitor de Gramsci e do operariado italiano foi o regime fascista, liderado por Benito Mussolini⁶⁰ e representante da alta burguesia, da aristocracia e demais forças conservadoras da época.

⁵⁸ **Mário Maestri (1948):** historiador brasileiro. É doutor em Ciências Históricas pela *Université Catholique de Louvain*, na Bélgica, onde defendeu dissertação de mestrado sobre a África Negra pré-colonial, e tese de doutorado no *Centre de Histoire de l'Afrique* daquela instituição, sobre a escravidão no Rio Grande do Sul. É professor do programa de pós-graduação da Universidade de Passo Fundo. Escreveu a edição número 17 dos *Cadernos IHU Idéias*, intitulada *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade*, e edição número 74, intitulada *Raça, nação e classe na historiografia de Moisés Vellinho*. As publicações podem ser baixadas por *download* no site do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵⁹ **Luigi Candreva:** italiano, sindicalista, professor e historiador. Com Mário Maestri é autor de *Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário* (São Paulo: Expressão Popular, 2001). (Nota da *IHU On-Line*)

⁶⁰ **Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883-1945):** jornalista e político italiano, governou a Itália com poderes ditatoriais entre 1922 e 1943, autodenominando-se Il Duce, que significa em italiano “o condutor”. No início da sua carreira de jornalista e político foi um tenaz propagandista do socialismo italiano, em defesa do qual escreveu vários artigos no jornal esquerdista *Avanti*, de que era redator-chefe. Em 1914, dirigiu o jornal *Popolo d'Italia*, onde defendeu a intervenção italiana em favor dos aliados e contra a Alemanha. Expulso do Partido Socialista Italiano, alistou-se no exército, quando a Itália entrou na Primeira Guerra Mundial e alcançou a patente de sargento. Em 1919, fundou os *Fasci Italiani di Combattimento*, organização que originaria, mais tarde, o Partido Fascista. Baseando-se numa filosofia política teoricamente socialista, conseguiu a adesão dos militares descontentes e de grande parte da população, alargou os quadros e a dimensão do

IHU On-Line - Gramsci propôs um novo tipo de educação, que desenvolvesse intelectuais na classe operária. Essas idéias correspondem à pedagogia crítica e à educação popular, teorizada por Paulo Freire? Que relações podemos traçar entre Gramsci e Freire? De que maneira as idéias de Gramsci influenciaram Paulo Freire, no Brasil?

Jaime Giolo - Gramsci foi marxista e, como tal, considerava que o desenvolvimento intelectual, de base racional e científica, é decisivo para a formação de seres humanos livres e sujeitos da história. Além de tornar os seres humanos livres e sujeitos da história, a razão dialética revela a natureza humana objetiva (biológica e social), da qual se extrai o princípio moral da igualdade entre todos. Nenhuma outra cosmovisão, antes ou depois dele, sequer se aproximou do marxismo no implacável propósito de submeter tudo aos critérios da razão e do método científico. Por isso, o marxismo foi e é tão enfático na crítica da religião e de todas as interpretações que lançam mão de elementos místicos, metafísicos, esotéricos etc., para explicar a realidade. Por isso, principalmente, o marxismo fez a crítica à ideologia, que é o núcleo da justificação do domínio de classe e da exploração de muitos por poucos. A crítica à ideologia conduz o marxismo ao cerne da ciência social, pois, a partir dela, se abre e se constrói a crítica radical de toda a estrutura social. Tal crítica, que é a crítica da dominação, lança também as bases da ação libertadora:

partido. Sua oratória era tão notável quanto seu uso eficaz de propaganda política. Após um período de grandes perturbações políticas e sociais, período em que alcançou grande popularidade, guindou-se a chefe do partido, e em 1922 organizou a famosa marcha sobre Roma, um golpe de propaganda. Usando as suas milícias (chamadas de *camicia nera*, camisas negras) para instigar o terror e combater abertamente os socialistas, conseguiu que os poderes investidos o nomeassem para formar governo. Foi nomeado Primeiro Ministro pelo rei Vítor Manuel III, alcançando a maioria parlamentar e, consequentemente, poderes absolutos na governação do país. (Nota da *IHU On-Line*)

ação política e ação pedagógica; ação político-pedagógica ou ação pedagógico-política. Note-se que a proposta educacional marxista e demais propostas surgidas da esquerda sempre pretenderam desalojar a dominação que se instaura, para além da prática objetiva externa, também na mente das pessoas. Educar é, pois, sinônimo de libertar quando a educação opera segundo a ciência e a razão dialética e, assim, destrói os esquemas mentais onde a classe dominante sustenta a sua hegemonia.

Gramsci compreendeu que o senso comum, embora dotado de um núcleo de racionalidade (bom senso), é, na realidade, um baú onde estão guardadas coisas novas e velhas, idéias de outros tempos e outros lugares, preconceitos, ilusões, misticismo. Nesse campo sincrético, a ideologia dominante lança suas sementes em solo fértil e instala facilmente o poder da dominação. A formação intelectual dos operários deveria combater nesse terreno e alçar essa classe social ao nível da filosofia da práxis, o início do processo de transformação de seres dominados em sujeitos da história. É apenas o início do processo de transformação (a base da nova hegemonia), porque a transformação global se dá pela revolução, ou seja, pela reconfiguração das relações de produção, a partir daqui, sob o controle de quem, de fato, trabalha e produz a vida material de toda a sociedade.

Entre Gramsci e Paulo Freire, há cruzamentos claros, dados pela vinculação de ambos a projetos de esquerda. Paulo Freire, entretanto, não era marxista e nem leu Gramsci na sua formação intelectual. Leu, por certo, mais tarde, quando sua contribuição pedagógica já estava dada. Paulo Freire provém de um meio intelectual cristão, um cristianismo que se tornou progressista pela apropriação de teses fenomenológicas e existencialistas e por conviver com o mundo do trabalho por meio da Ação Católica (JUC, JEC). Também por conviver, em alguns aspectos, com movimentos e partidos de esquerda. Paulo

Freire, tal como Gramsci, percebeu que a mentalidade popular era hospedeira das idéias e princípios morais, políticos e econômicos da classe dominante. A transformação dessa realidade seria feita por um processo dialógico, chamado pelo autor de conscientização. Essa conscientização torna o ser humano sujeito por meio da prática do diálogo e pela incorporação de instrumentos lingüísticos que possibilitam a leitura do mundo (alfabetização). Em Paulo Freire, a razão, a ciência e a revolução não estão claramente articulados e não têm a importância que têm em Gramsci. Os sujeitos populares de Paulo Freire articulam-se socialmente em comunidades eclesiais de bases ou grupos simples de destinação diversa (econômica, cultural, desportiva, política), típicos do ambiente rural e das periferias urbanas. São sujeitos alfabetizados, mas não propriamente intelectualizados. Os sujeitos de Gramsci são os operários urbanos ou o campesinato rural, articulados em Conselhos de Fábrica, sindicatos e, sobretudo, partidos políticos, indivíduos intelectualizados e preparados para tomar o controle geral da sociedade.

IHU On-Line - A necessidade de criar uma cultura na classe trabalhadora, segundo Gramsci, era fundamental para demonstrar que os valores da burguesia não eram os desejáveis da sociedade. Nesse sentido, alguns operários tornam-se intelectuais, e lutam pelas suas idéias. Esse contexto não lhe parece contraditório, uma vez que os operários, depois de intelectualizados, também passam a querer impor os seus valores como os desejáveis da sociedade?

Jaime Giolo - Os valores da burguesia são altamente questionáveis porque, no fundo, eles repartem a humanidade entre os que têm direitos intrínsecos e os que têm, em tese, direitos, mas para usufruí-los terão de conquistá-los (o bom burguês diria: tem de merecê-los). E o fato é que, mantidas as regras do jogo, jamais os

conquistarão (os merecerão). A burguesia não é composta por um grupo humano mau e, por isso, dominador; assim, também as classes populares não são compostas por pessoas boas e ingênuas e, por isso, passadas para trás. A burguesia é tão somente a classe social, que maneja e controla a economia no contexto do capitalismo, regime que, por natureza, concentra a propriedade e a renda. Ora, em qualquer sistema, mas de modo especial no capitalismo, quem maneja a economia tem tudo a seu favor (política, cultura, dignidade etc.), e quem está excluído da economia não consegue nada. Ocorre que quem opera a economia capitalista precisa, por razões estruturais, dominar o trabalho de quem está do outro lado e, até certo ponto, manter uma parte da população na marginalidade. Os valores que são construídos e defendidos, com unhas e dentes, por essa classe, são injustos e impróprios para quem mantém uma mirada intelectual que contemple a sociedade como um todo. Essa mirada intelectual mais ampla (a que contempla a sociedade como um todo e que, por isso, merece ocupar o lugar daquela que contempla apenas uma classe) só pode ser assumida e implantada pela ascensão política dos que são sistematicamente mantidos do lado de fora e ela somente se realiza de forma plena quando as relações materiais de produção forem também alteradas (revolucionadas). Enquanto as condições materiais de produção se mantiverem inalteradas, a contradição mencionada na pergunta é sempre possível. Um operário que se intelectualiza adquire condições de trocar de classe social e, em muitos casos, é isso o que acontece. Esse intelectual, via de regra, muda também de cosmovisão. Deduz-se disso, que não vale a pena intelectualizar as classes populares? Nada mais burguesa do que essa tese, pois ela se destina a manter as coisas como estão. Se é difícil mudar uma formação social mesmo intelectualizando as classes populares, sem isso essa possibilidade será bem mais remota.

Morre Jean-Marie Lustiger, ex-arcebispo de Paris

Jean-Marie Lustiger, nascido em Paris em 1926 no seio de uma família judaica, converteu-se ao catolicismo. Sacerdote desde 1954, em 1979 foi nomeado arcebispo de Orleans e em 1981, de Paris. Foi eleito cardeal em 1983 e se aposentou em 2005. Era, além disso, membro da Academia Francesa desde 1995. Morreu em Paris em 5 de agosto aos 80 anos. “Seu legado na França e além fronteiras é o de um catolicismo descomplicado, moderno em suas formas - grandes concentrações, canal de televisão confessional, etc. - mas que não fazia concessões nas questões de fundo”, escreve Octavi Martí para o jornal espanhol El País, 07-08-2007. A tradução é do Cepat.

O cardeal, arcebispo de Paris e acadêmico Jean-Marie Lustiger, faleceu em Paris no domingo 5 de agosto em consequência de um câncer nos ossos e de pulmão. Nascido em Paris em 12 de setembro de 1926, seus pais, comerciantes, lhe deram o nome de Aarão, em homenagem ao avô polonês, rabino, que havia chegado à França pouco antes da I Guerra Mundial. Aarão foi educado de maneira rigorosa mas laica. A família respeitava as tradições judaicas mas os pais não se consideravam crentes.

A ocupação alemã obrigou a família a se esconder em outra cidade, em Orleans. A mãe continuou a se ocupar com a mercearia que tinham em Paris e, durante uma de suas estadas na capital, foi denunciada por um vizinho. Para ela, isso significou a morte em Auschwitz.

Em 1949, o pequeno Aarão decidiu mudar de religião. Converteu-se ao cristianismo e mudou de nome. A partir de então será Jean-Marie Lustiger. “Sou católico mas também continuo sendo judeu”, dirá anos mais tarde.

Sacerdote desde 1954, Jean-Marie foi enviado à Sorbonne e trabalhou na Universidade até maio de 1968. “A Igreja não tem nada a fazer nessa feira”, sentenciou.

Como pároco de um dos bairros elegantes de Paris entrou em contato com pessoas que serão importantes

para o seu futuro. Em 1979, foi nomeado bispo de Orleans e, em 1981, João Paulo II o enviou novamente para Paris, então como arcebispo. O chamado papa Wojtyla confiava em Lustiger e descobriram pontos comuns: origem polonesa, capacidade de comunicação, intransigência dialogante.

Em 1983, foi escolhido cardeal e um ano depois dirigia os protestos multitudinários contra um projeto de lei que pretendia restringir as ajudas públicas às escolas confessionais. Foi uma vitória para ele, pois o ministro Savary se demitiu, a lei não foi promulgada e o presidente Mitterrand descobriu ao mesmo tempo a teimosia e a força de convicção do cardeal. Em 1996, foi ele quem celebrou a missa em Notre Dame, em honra ao presidente socialista morto, com quem teve uma boa amizade.

Em 1996 e 1997, organizou as duas visitas triunfais de João Paulo II à França, a segunda das quais reuniu um milhão de jovens no gramado de um hipódromo vizinho à capital. E ele foi também o inspirador e conselheiro da viagem papal a Jerusalém em 2000; o principal responsável para que os bispos franceses reconhecessem por fim - em 1997 - sua cegueira ou cumplicidade durante a perseguição judaica na França de Pétain, e elemento fundamental na resolução do imbróglio criado

por algumas monjas carmelitas polonesas instaladas junto a Auschwitz, o campo de extermínio no qual foi assassinada a mãe de Lustiger e que ele visitou discretamente pela primeira vez em 1983.

Em 1995, foi eleito membro da Academia Francesa. Ali se ocupava da atualização de todos os termos relacionados com a espiritualidade. Há pouco mais de quatro meses, Lustiger participou pela última vez da reunião semanal de acadêmicos e se despediu deles, um por um, comunicando-lhes que não poderia continuar o trabalho do dicionário porque uma doença mortal - um câncer nos ossos e de pulmão - o impediria devido ao tratamento que exigia o alívio da dor.

Jean-Marie Lustiger morreu no dia 05 de agosto na residência hospitalar parisiense em que residia desde 27 de abril. Seu legado na França e além fronteiras é o de um catolicismo descomplicado, moderno em suas formas

- grandes concentrações, canal de televisão confessional, etc. - mas que não fazia concessões nas questões de fundo.

Jean-Marie escreveu contra Marx, Freud ou Nietzsche, por terem posto em dúvida a validade da fé como meio de acesso à verdade e porque seu racionalismo desembocou precisamente no genocídio judeu.

Foi solenemente sepultado, no dia 10 de agosto, na Catedral Notre-Dame de Paris. Jean-Luc Marion, filósofo, professor na Universidade de Paris -IV Sorbonne e na Universidade de Chicago, entre outros, publicou o artigo “Lustiger ou l’intelligence de la foi” (Lustiger ou a inteligência da fé) no *Le Monde*, 12-08-2007.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU.

Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 06-08-2007 A 12-08-2007

Rio Madeira. É preciso mantê-lo vivo

Iremar Antonio Ferreira

Confira nas *Notícias do Dia* 06-08-2007

Em entrevista especial à *IHU On-Line*, o educador popular Iremar Ferreira fala sobre vários aspectos que envolvem as usinas do Rio Madeira e sobre o evento *Viva o Rio Madeira Vivo*, do qual é um dos coordenadores. Ele resalta as principais discussões em pauta neste encontro e, ainda, as exigências ambientais que devem ser inseridas no projeto das usinas do Rio Madeira.

“É preciso entender a Saúde Coletiva como um campo interdisciplinar”

Thomas Josué Silva

Confira nas *Notícias do Dia* 07-08-2007

O professor Thomas Josué Silva, da Universidade Federal de Santa Maria, relaciona a arte à doença mental e fala da importância dessa relação para a área de Saúde Coletiva. Ele também discorre sobre o importante evento da Associação Brasileira de Pós Graduação em Saúde Coletiva - Abrasco, realizado, no último mês, em Salvador, discutindo o tema “Eqüidade, Ética e Direito à Saúde: Desafios à Saúde Coletiva na Mundialização”.

Plebiscito sobre a anulação do leilão de privatização da Vale do Rio Doce

Marcos Arruda

Confira nas *Notícias do Dia* 08-08-2007

O plebiscito sobre a reestatização da Companhia Vale do Rio Doce é o tema discutido pelo economista Marcos Arruda, do Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul - PACS. Ele relaciona o plebiscito da Vale com o primeiro plebiscito que ajudou a conceber: o da dívida externa.

Vale do Rio Doce. 'O plebiscito quer incentivar a retomada dos processos que advogam a anulação do leilão'

Dom Demétrio Valentini

Confira nas *Notícias do Dia* 09-08-2007

Dom Demétrio Valentini, bispo da Diocese de Jales, em São Paulo, por ocasião de seu jubileu, falou de suas origens, da sua vocação, dos momentos mais marcantes como bispo, do seu envolvimento com os movimentos sociais, da Conferência de Aparecida e sobre o plebiscito sobre a reestatização da Vale do Rio Doce.

Movimento Consulta Popular: das origens à formação de uma organização política

Ricardo Gebrin

Confira nas *Notícias do Dia* 10-08-2007

Ricardo Gebrin fala sobre o Movimento Consulta Popular, do qual é membro da coordenação nacional. Ele narra as origens do movimento e a sua constituição numa organização política, aborda o que chama de Revolução Brasileira e ainda dá sua opinião sobre o Governo Lula.

Economia solidária: o avanço e as mudanças das Redes Sociais de Troca

Heloísa Primavera

Confira nas *Notícias do Dia* 11-08-2007

A bióloga e socióloga Heloísa Primavera falou sobre o avanço e as mudanças das Redes Sociais de Trocas, tema da Revista *IHU On-Line* número 21, na Argentina e Brasil e sobre a Rede Global de Trocas.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS *NOTÍCIAS DO DIA* DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Sonhos e esperanças nascidos do Concílio

Enzo Bianchi

Confira nas *Notícias do Dia* 06-08-2007

O monge Enzo Bianchi, prior da Comunidade de Bose, na Itália, escreveu um artigo publicado no jornal *La Repubblica*, 26-07-2007, sobre o Concílio Vaticano II e a discussão aberta por Bento XV sobre o tempo pós-conciliar.

Paul Virilio contra o poder do olho insone. Pensamos ver tudo, mas não captamos quase nada

Nando Vitale

Confira nas *Notícias do Dia* 07-08-2007

Em artigo publicado pelo jornal *Il Manifesto*, 17-07-2007, Nando Vitale fala sobre o último livro do urbanista francês Paul Virilio, que denuncia a proliferação da mídia que marginalizou a arte e a própria possibilidade de ver.

O neoliberalismo à brasileira

Ricardo Luiz Chagas Amorim

Confira nas *Notícias do Dia* 09-08-2007

Segundo o professor Ricardo Amorim, o governo Lula aparece numa encruzilhada. Em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 09-08-2007, ele afirma que o problema é saber se estamos ante um governo capaz de

evitar a sangria de bilhões em juros pagos aos mais ricos e se ele vencerá o desastroso neoliberalismo à brasileira.

Caros ocidentais, parem de querer salvar a África, pede escritor nigeriano

Uzodinma Iweala

Confira nas *Notícias do Dia* 10-08-2007

Em artigo publicado no jornal *La Repubblica*, 31-07-2007, o escritor nigeriano Uzodinma Iweala fala sobre as campanhas de ajuda para a África. Para ele, nestes últimos tempos, o Ocidente, oprimido pelos sentimentos de culpa pela crise que criou no Oriente Médio, se volta à África para redimir-se. E questiona até que ponto esta ajuda seja genuína, ou se não esteja sendo dada no espírito da afirmação de uma superioridade cultural.

A desigualdade social degradada

Roberto Schwarz

Confira nas *Notícias do Dia* 12-08-2007

Para o crítico e ensaísta Roberto Schwarz, a transgressão às normas, ou a facilidade com que a elite do país transita dentro e fora delas - sempre para seu maior ganho - é uma marca distintiva da sociabilidade brasileira. Na entrevista ao *Estado de São Paulo*, em 11-08-2007, ele diz ver uma diferença se essa transgressão é cometida por ricos ou por pobres.

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS *NOTÍCIAS DO DIA* NO SÍTIO DO IHU.

1,2% do comércio mundial

“A despeito de todo o entusiasmo com nossas exportações (fortemente beneficiadas pelos aumentos de preços e pela expansão econômica dos outros), elas continuam a representar apenas 1,2% do total mundial, quando em 1984/85 representavam 1,4% e eram iguais às da China e da Coreia, que hoje se encontram, respectivamente, nos níveis de 8,1% e 2,7% do comércio mundial” - **Delfim Netto**, ex-ministro da Fazenda do regime militar - *Valor*, 07-08-2007.

‘Boa teoria neoliberal’

“Os países de mais rápido crescimento, como a China (11,1% em 2006 e 11,2% em 2007) e a Índia (9,7% em 2006 e 9% em 2007), que cresceram quase três vezes mais do que o Brasil em 2006 e crescerão o dobro em

2007, esqueceram a ‘boa teoria neoliberal’ em matéria de câmbio e optaram pelo pragmatismo responsável” - **Delfim Netto**, ex-ministro da Fazenda do regime militar - *Valor*, 7-08-2007.

Política macroeconômica

“Não existe política macroeconômica de esquerda ou de direita. Existe política macroeconômica mal ou bem feita, com mais ou menos competência. E o que falta hoje é um componente novo, chamado eficácia” - **Pedro Malan**, ex-ministro da Fazenda - *Valor*, 10-08-2007.

“Não dá para pensar em desenvolvimento sem inflação” - **Gustavo Franco**, ex-presidente do Banco Central - *Valor*, 10-08-2007.

“A inserção do país no mundo deve ser pilotada por conceitos que isolem o interesse nacional. Não falo do desenvolvimentismo à antiga, mas algo que tenha um Estado indutor do dinamismo econômico sem as mazelas do Estado desenvolvimentista antigo. O mercado clássico não tem por si só como dinamizar a economia” - Luís Carlos Bresser Pereira, ex-ministro da Fazenda - *Valor*, 10-08-2007.

Nova classe social

“Lula está metido até o pescoço nessa nova classe social dos sindicalistas” - **Francisco de Oliveira**, sociólogo - *O Globo*, 12-08-2007.

RS

“O Rio Grande do Sul, estado industrializado, moderno, com infra-estrutura, agroindústria, elevado nível educacional, instituições democráticas sólidas, na fronteira sul estratégica para o país e o Mercosul, mas

em crise permanente pelo déficit público e a incapacidade política de suas lideranças políticas e empresariais para pactuar na sociedade uma saída” -

José Dirceu, ex-ministro Chefe da Casa Civil - *Zero Hora*, 09-08-2007.

Carro roubado

“A constatação de que um carro é furtado ou roubado a cada 16 minutos no Rio Grande do Sul sugere que o governo está perdendo a guerra contra o crime” - **Rosane de Oliveira**, jornalista - *Zero Hora*, 09-08-2007.

Anac

“Não sei por que criaram essa Anac” - **Nelson Jobim**, ministro da Defesa - *O Estado de S. Paulo*, 10-08-2007.

Eventos

Agenda da Semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 13-8-2007**Encontros de Ética**

Implicações psicológicas do transplante de órgãos em crianças e adolescentes

Prof.^a Dr.^a Elisa Kern de Castro (Unisinos)

Sala 1G119, das 17h30 às 19h

Dia 14-8-2007**Cinema e Saúde Coletiva II: cuidado nas relações entre as pessoas e com a natureza**

Filme: O óleo de Lorenzo, de George Miller (1992)

Prof. MS Fábio Alexandre Moraes (Unisinos)

Sala 1G119, das 8h30 às 12h

Dia 15-8-2007**III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias**

Do infinitamente pequeno ao infinitamente grande

Prof. Dr. Attico Chassot (Unisinos)

Sala 1G119, das 17h30 às 19h

Ciclo de Filmes e Debates - Trabalho no Cinema

Filme: O corte¹, de Costa-Gavras (2005)

Prof.^a MS Patrícia Martins Fagundes e Prof.^a MS Vera Regina Schmitz (Unisinos)

Sala 1G119, das 19h15 às 22h15min

Dia 16-8-2007**IHU Idéias**

A perspectiva de saúde e qualidade de vida da Associação dos Diabéticos de São Leopoldo

Célia Severo, do Projeto Tecnologias Sociais do Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Sala 1G119, das 17h30 às 19h

¹ Sobre o filme, foi publicado o texto *O trabalho em mutação. Uma análise do filme "O Corte"*, nas *Notícias do Dia* 08-08-2007, que pode ser conferido em (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*).

Dia 18-8-2007

Formação sócio-político-econômico-cultural do Rio Grande do Sul: Olhares da produção audiovisual sobre o Rio Grande do Sul

As fontes audiovisuais e o estudo do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr.^a Eloísa Capovilla Ramos (Unisinos)

Sala 1G119, das 8h30 às 12h

Do infinitamente pequeno ao infinitamente grande

III CICLO DE ESTUDOS DESAFIOS DA FÍSICA PARA O SÉCULO XXI: O ADMIRÁVEL E O DESAFIADOR MUNDO DAS NANOTECNOLOGIAS

“Quantos de nós conseguem operar mentalmente com prefixo nano simbolizado por n, originado do grego nánnos, ‘de excessiva pequenez’ ou nânos ‘anão’”, questiona-se o Prof. Dr. Attico Chassot (Unisinos), na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. O tema é instigante e suscita muitas perguntas, afinal de contas, quem de nós não se sente impactado pelas mudanças que a nanotecnologia já está provocando e ainda irá provocar em nossas vidas? E ele responde sobre como as nanotecnologias farão o ser humano repensar seu papel e centralidade no Universo: “Muito provavelmente o antropocentrismo se esboroa cada vez mais”. Essas e outras questões serão abordadas por Chassot na palestra Do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, que abre as atividades do III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias. O Simpósio Internacional Uma Sociedade Pós-Humana? Possibilidades e limites das nanotecnologias será realizado de 26 a 29 de maio de 2008, na Unisinos, promoção do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Chassot é licenciado em Química, mestre em Educação pela UFRGS, doutor em Educação pela UFRGS. E pós-doutor pela Universidade Complutense de Madri e escreveu diversos livros, entre os quais citamos: Para que(m) é útil o ensino de Química? (Canoas: ULBRA, 1995); Alfabetização científica: questões e desafios para a educação (Ijuí: Editora Unijuí: 2001); e A Ciência é masculina? É, sim senhora! (3^{rv}. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007). Este último foi tema do IHU Idéias do dia 20-08-2003, antes mesmo de sua publicação. A IHU On-Line entrevistou Chassot sobre os livros apresentados no Sala de Leitura na 87^a edição, de 9-12-2003. Na edição número 6 dos Cadernos IHU Em Formação, intitulada Física, evolução, auto-organização, sistema e caos, escreveu o comentário Mirada ao passado para fazer uma Terra Habitável. Sua contribuição mais recente à IHU On-Line deu-se na edição 154, de 05-09-2005, com a entrevista “A universidade parece que vive um momento de alienação para com a crise política do País”.

O antropocentrismo se esboroa cada vez mais

ENTREVISTA COM ATTICO CHASSOT

IHU On-line - Como o infinitamente pequeno e o infinitamente grande se relacionam com as nanotecnologias?

Attico Chassot - Trazer essa temática à sessão de abertura ao III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias é quase um momento de preparar as ferramentas para as sessões que se seguem. Na verdade, o infinitamente grande foi colocado nessa primeira sessão para fazer o contraponto com o infinitamente pequeno, assunto central do Ciclo. A centralidade das discussões vai colocar óculos, ou melhor, microscópios para olhar mundos fantásticamente pequenos que não só não fazem parte de nosso cotidiano como são quase impossíveis de imaginar. Quantos de nós conseguem operar mentalmente com prefixo *nano* simbolizado por *n*, originado do grego *nánnos*, “de excessiva pequenez”, ou *nânos* “anão”, adotado na 11ª Conferência Geral de Pesos e Medidas, de 1960 (resolução nº 12), equivalente a um multiplicador 10^{-9} , seja, milésimo milionésimo da unidade indicada, por exemplo nanograma = um milésimo milionésimo do grama, ou para um nanômetro ou nanolitro.

IHU On-line - Poderia citar alguns exemplos de coisas infinitamente grandes e infinitamente pequenas para que tracemos um paralelo?

Attico Chassot - Há muitos exemplos para nos familiarizarmos com essas dimensões. Qual é o volume, em nanolitros, de uma gota de água? Algo da ordem 50 milhões de nanolitros. Nesta sessão inaugural, vamos entrar em um mundo ficcional. Imaginem (e imaginar é fazer imagem) todos os habitantes da Terra (e aqui não é força de expressão, são mais de 6 bilhões de pessoas) contando as moléculas de apenas um centímetro cúbico

(um dado com aresta de 1 cm) de gás nas condições normais de temperatura e pressão admitindo que cada pessoa conte duas moléculas por segundo. Essa tarefa exigiria mais de 70 anos. Assim podemos tentar imaginar em que mundo operam as nanotecnologias. Para adentrar em mundos infinitamente grandes ao invés de microscópios, vamos usar telescópios. Podemos ilustrar com as distâncias interplanetárias. Por exemplo, vamos experimentar entender o significado de “ano-luz”, que não é medida de tempo, mas de distância.

IHU On-Line - Que avanços na ciência essas descobertas podem trazer?

Attico Chassot - Muito provavelmente, quando o Instituto Humanitas Unisinos - IHU projetou, há mais de um ano, esse evento, era porque queria que a comunidade que gravita na UNISINOS pudesse conhecer respostas a essa questão que você me propõe. Qualquer prognóstico que me atrevesse fazer aqui e agora estaria avançando o sinal de maneira incompetente, pois não tenho o preparo daqueles profissionais muito especializados que estarão nas próximas sessões.

IHU On-Line - Em nosso cotidiano, quais seriam as mudanças ocasionadas por tais descobertas?

Attico Chassot - Talvez bastasse olharmos a miniaturização do mundo tecnológico que testemunhamos. Veja as microcirurgias, a miniaturização dos suportes de armazenamento de dados: LP ao CD e deste ao *pendrive*, temos a diminuição do suporte físico contrapondo-se ao aumento da quantidade informações armazenadas. Vejam a diminuição dos aparelhos de telefones móveis e a expansão de seus recursos. Olhemos a diminuição dos computadores, das calculadoras... Mas

deveria responder essa pergunta como respondi a anterior. Os próximos conferencistas trarão muito melhores respostas.

IHU On-Line - Como essas estruturas podem fazer o homem repensar seu papel e centralidade no universo?

Attico Chassot - Muito provavelmente, o antropocentrismo se esboça cada vez mais. Parece que aumenta o nosso convencimento de maior respeito ou pelo menos maiores interrogações com os outros seres vivos tanto animais como vegetais. O respeito à vida dos outros viventes talvez tenha sido um dos meus maiores aprendizados quando olho esses avanços tecnológicos.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Attico Chassot - Apenas gostaria de destacar o quanto o Instituto Humanitas Unisinos - IHU tem uma função distinguida na UNISINOS. Atrevo-me a dizer que a realização deste III Ciclo de Estudos Desafios da Física para o Século XXI: o admirável e o desafiador mundo das nanotecnologias é mais uma das muitas evidências de que o Humanitas faz muita diferença nessa Universidade, pois é ele que a faz diferente.

O óleo de Lorenzo, de George Miller

CINEMA E SAÚDE COLETIVA II: CUIDADO NAS RELAÇÕES ENTRE AS PESSOAS E COM A NATUREZA

Discutir as idéias do filme O óleo de Lorenzo, de George Miller (1992) é a tarefa do Prof. MS. Fábio Alexandre Moraes, docente da Unisinos, no evento Cinema e Saúde Coletiva II: cuidado nas relações entre as pessoas e com a natureza que acontece nesta terça-feira, 14-08-2007.

Moraes é graduado em Psicologia pela Unisinos, especialista em Saúde Mental pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS) e mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a dissertação Abrindo a Porta da Casa dos Loucos (ou: para ativar a potência dos fluxos). A entrevista que segue reflete aspectos da discussão que será conduzida por Fábio após a exibição do filme. A entrevista foi respondida por e-mail à IHU On-Line.

É possível cuidar sem estar implicado?

ENTREVISTA COM FÁBIO MORAES

IHU On-Line - Quais são as circunstâncias mais contundentes que o filme *O óleo de Lorenzo* mostra sobre a relação cuidado e cuidador?

Fábio Moraes - Não conseguiria identificar “circunstâncias”. Ressalto o que aparece em todo o filme e que sustenta a possibilidade de pensar no “cuidador” - refiro-me ao que nós, profissionais de saúde, chamamos de “implicação”. Considerando-se que no filme os laços familiares predominam, não significa um puro envolvimento afetivo com quem é cuidador. “Implicação”, como um aspecto central nas práticas de saúde, significaria o sentir-se afetado pelo outro e este “afetamento”, perdoem-me a má palavra, ser o propulsor das atitudes e ações de quem cuida. Nesta perspectiva perguntaria: é possível cuidar sem estar implicado?

IHU On-Line - Como o filme enfatiza a questão da esperança? Como esse sentimento ajuda na recuperação do paciente?

Fábio Moraes - Em saúde, nós poderíamos relacionar duas palavras - esperança e projeto. Não um projeto futuro necessariamente, mas o projeto inscrito no próprio processo. Às vezes, penso, como encontramos em determinada literatura, que falar em “cura” é relativo. Saúde e doença fazem parte do mesmo processo, são próprias da vida. Há uma diferença, entre esses “estados”? Se existir é na crença de que precisamos continuar lutando, buscando, pesquisando, tratando; é o participação que nos interessa mais do que a esperança. E isto o filme nos ajuda a compreender. Há um constante movimento de busca. Saúde é a busca, é o movimento de autonomia.

IHU On-Line - Como a informação sobre a doença auxilia os pais de Lorenzo a buscarem elementos de força e apoio?

Fábio Moraes - É uma leitura, mas preferiria ser coerente com as idéias apontadas acima. Por esse caminho, perguntaria de que tipo de informação estamos falando? A informação isolada, separada, do afeto, não significa nada. Os pais de Lorenzo mostram isto e foi o ir para além da informação (trans - in - formação) que produziu a história. Afeto é o que importa, não a informação!

IHU On-Line - Nesse sentido, você faria uma aproximação entre os filmes *O óleo de Lorenzo* e *Patch Adams*¹? Por quê?

Fábio Moraes - Claro, são dois filmes que tratam de questões do ato de cuidado e suas possibilidades. Entretanto, de perspectivas diferentes. *O óleo de Lorenzo* traz a perspectiva, vamos dizer, do “usuário”, do saber que pode ser construindo a partir de quem sofre - e há, efetivamente, a construção de um novo conhecimento. Já *Patch Adams* traz a perspectiva do profissional, mas questionando um saber constituído, discutindo modelos, práticas e incluindo aspectos que usualmente os profissionais teriam dificuldades de pensar, pressionados pelos ditames das “boas práticas” que, grosso modo, insistem na neutralidade e no distanciamento técnico (visão tecnicista). Mas, insisto, os dois trazem à baila o lugar do cuidador.

¹ *Patch Adams - O amor é contagioso* é um filme de 1998, do gênero comédia dramática, dirigido por Tom Shadyac e baseado em livros de Patch Adams e Maureen Mylander. Após uma tentativa de suicídio e voluntariamente se internar em um sanatório, Patch Adams descobre que deseja ser médico, para poder ajudar as pessoas. Após se formar, seus métodos poucos convencionais, de usar amor e carinho como armas para ajudar as pessoas hospitalizadas, causam inicialmente espanto, desconfiança e ciúme dentro da própria classe médica, mas aos poucos ele vai conquistando a todos. (Nota da *IHU On-Line*).

Perfil Popular

Lucas Cardoso

Além da família, o trabalho como motorista é a grande paixão de Lucas Cardoso, proprietário da empresa de transporte universitário e turismo Lucas Tur, com sede em Porto Alegre e dez anos de atuação. Dos 42 anos de idade, 22 já foram dedicados à profissão de motorista. Determinação e garra são palavras que sempre nortearam a sua trajetória. A fé em Deus e a devoção por Nossa Senhora Aparecida são os grandes responsáveis pelas suas conquistas. Em entrevista exclusiva à revista IHU On-Line, Lucas revelou traços marcantes de sua personalidade. A solidariedade que o fez adotar uma criança é o mais bonito deles.

Origens

Lucas Cardoso é natural de Porto Alegre. Sua família não teve condições financeiras que lhe permitissem viver com luxos. “Meu pai era jardineiro, a minha mãe, cuidava da casa, fazia faxina e lavava roupas para fora.” O principal nunca faltou. Lucas conviveu com a humildade e aprendeu a crescer com dignidade e perspectiva de uma vida melhor. Ele pôde estudar até o 1º ano do Segundo Grau, mas gostaria de ter tido a oportunidade de continuar os estudos. “Sempre gostei muito de estudar. Nunca repeti um ano na escola.”

Pais

Aos 16 anos, Lucas e os quatro irmãos se depararam com uma situação um tanto delicada: a separação dos pais. “Eu já era maduro, mas foi complicado, porque eu tinha uma irmã pequena, com dois anos de idade. Hoje, meu pai tem outra família e mora em Araranguá (SC), e minha mãe, em Sombrio (SC), mas continua solteira.



Minha relação com eles é muito boa. Quando tenho tempo, os procuro, e eles agem da mesma forma.”

Família

Casado há 14 anos com a Fabiane Serra da Silva, que trabalha no escritório da Lucas Tur, Lucas é pai de cinco filhos: Lucas, de 13 anos; Luan, de 8; Luciano, de 6; e Luís, de 4. “Há dois meses, adotei outro menino, o Elizer, que tem dois meses de vida e está sendo criado como filho. Não há diferença entre eles.” Elizer é filho de um dos irmãos de Lucas. Vendo a dificuldade pela qual o irmão, desempregado, e a cunhada estavam passando, Lucas viu na solidariedade uma forma de ajudar. “Eles queriam entregar o bebê para a adoção e eu resolvi assumi-lo.” O conceito de família tem grande valor para Lucas. Mesmo quando está longe, acha uma forma de tê-los por perto. “Minha família é tudo o que eu tenho. No momento em que eu constituí uma família, a minha vida mudou. Enquanto estou no trabalho, meu

pensamento é adquirir para eles.”

Profissão

Aos 13 anos, Lucas já sabia o que era trabalhar. Um curso de mecânica realizado no Senai, em período inverso ao da escola, abriu-lhe as portas para o primeiro emprego. “Foi na empresa Vestuário Renner”, lembra Lucas. A oportunidade de trabalhar como motorista veio com o tempo. Ele passou por três empresas de ônibus e dirigiu táxi-lotação até conseguir abrir o seu próprio negócio, a Lucas Tur, voltada ao transporte universitário e com dez anos de atuação. “Minha rotina na Unisinos começa às 6h e termina à meia-noite. Meu trabalho é tudo para mim. Adoro o que eu faço.” Motorista há 22 anos, Lucas não consegue se afastar da profissão, mesmo que por um curto espaço de tempo. O período de férias da universidade é sinônimo de angústia para Lucas. “Me sinto mal em casa. Fico sempre arrumando alguma coisa para fazer para que o tempo passe mais depressa e eu possa retornar ao trabalho.”

Sonhos

Ao contrário de quem encontra na possibilidade de sonhar um sentido a mais para viver, Lucas não tem grandes sonhos. “O que eu procuro é dar o melhor para a minha família.” Suas grandes realizações estão em ajudar ao próximo. “Sempre que eu puder ajudar um irmão, como fiz ao adotar uma criança, irei ajudar.”

Fé

Para enfrentar os perigos da estrada, devido a sua rotina profissional, Lucas tem uma grande companhia: a fé. Católico, Lucas acredita que todos têm uma crença, e a sua é em Deus. Além do Pai, a fé de Lucas está na Nossa Senhora Aparecida. “Sempre que saio de casa, faço um pedido a ela: para que me leve e da mesma maneira me traga, pois sempre terá alguém me esperando em casa.” Tamanha é a devoção, que Lucas pediu para um padre abençoar uma imagem da Santa que tem em sua casa, e também a carrega em seu veículo de trabalho.

Educação

Qualidade de ensino e melhores condições de vida. É isto que Lucas almeja para o futuro dos seus filhos. No entanto, a falta de comprometimento dos governantes com a educação deixa esta conquista um tanto distante. Um exemplo claro ocorre na sala de aula de um dos seus filhos. “Há 50 alunos na sala. Este número sobrecarrega os professores e os alunos não aprendem direito.” Lucas tem consciência de que o estudo é um dos mais preciosos bens que um pai pode dar para um filho. “Não me queixo do que eu faço, pois faço o que gosto. Mas quero que os meus filhos sejam melhores do que eu.”

Política brasileira

Na visão de Lucas, o cenário político do país é negativo sob todos os aspectos. E ele não omite a sua insatisfação. “Não gosto de falar em política. Os políticos compõem uma corja de corruptos.”

Sala de Leitura



“Estou lendo o livro *As boas mulheres da China* (São Paulo: Cia. das Letras, 2003, 281 p.), que traz um relato da autora Xinran sobre as

histórias de suas ouvintes. Apresentadora de um programa de rádio na cidade de Nanquim entre 1989 e 1997, a jornalista colheu depoimentos que ajudam a compreender questões femininas que poucos, ainda hoje, ousam discutir em seu país. A obra fala sobre amor, religião, família, sexo e política. Conta a trajetória de mulheres marcadas pela violência, pelo desamparo e pela opressão durante os últimos 60 anos. Através de suas vivências, também se descobre como estas mulheres conseguem manter as esperanças e acreditar numa vida melhor apesar de suas tragédias pessoais. Xinran ajuda o leitor a compreender a cultura chinesa e desvendar a condição feminina na China moderna.”

Patrícia Weber, professora das disciplinas de Rádio do curso de Jornalismo da Unisinos, Mestre em Comunicação.



“Quando um autor ganha o Nobel, além do prêmio, vem a visibilidade para quem não o conhecia. Assim encontro Orhan Pamuk com o livro *Neve* (São Paulo: Cia. das Letras, 2006, 487 p.). Um

livro difícil de ser lido, não pela linguagem, mas em função da suas sombras, do lusco-fusco que o texto nos impõe. Grande parte da estória se passa em poucos dias, durante uma grande nevasca numa cidade do interior da Turquia, o que provoca o fechamento das estradas e cria as condições para uma sublevação; revolucionários que defendem a ocidentalização do povo. Durante a leitura, percebemos idéias velhas tornarem-se novas e as novas em velhas, heroísmo e canalhice convivendo na mesma personagem e, o mais interessante, a revolução se processando no palco de um teatro e televisionada para toda a cidade-estado. A neve é vista como uma cortina que abre e fecha a cena das contradições humanas, inclusive do autor, que emerge numa de suas personagens, escrevendo a sua própria história de amores inatingíveis, ideais políticos confusos e violência sem pudor. Um livro instigante e que deve ser lido com os olhos nos conflitos religiosos, políticos e psicológicos contemporâneos.”

Fábio Alexandre Moraes é Coordenador do curso de Psicologia da Unisinos e mestre em Psicologia Social e Institucional, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

IHU REPÓRTER

Andréa Brächer

A vida de Andréa Brächer, publicitária e professora de fotografia na Unisinos, é marcada por muitas experiências pessoais e profissionais. A mais emocionante, e que a mantém em contato com a infância, aos 37 anos, é a de ser mãe. Os gêmeos Artur e Mariana, de 3 anos, são muito mais do que filhos. São fontes de inspiração para o trabalho de Andréa no doutorado, que consiste em um resgate da própria infância através do contato com o universo infantil. A arte de revelar as emoções em imagens está presente em sua vida desde o início dos estudos acadêmicos. No entanto, hoje, a maternidade a fez mudar o foco de suas fotografias. Conheça um pouco mais desta gaúcha, descendente de alemães e austríacos, por meio dos relatos de vida contados com exclusividade à revista IHU On-Line.

**Origens**

Sou natural de Porto Alegre e sempre morei lá. Minha mãe é de Cachoeira do Sul e meu pai nasceu em Berlim, na Alemanha. Veio para o Brasil com a minha avó, quando criança, depois da Primeira Guerra Mundial, somente com a roupa do corpo. Eles venderam tudo o que tinham e, mesmo assim, tentavam pegar o navio para o Brasil e não conseguiam. Minha avó costurava muito, mas o dinheiro para comprar a passagem não era o suficiente, devido à alta inflação no período. Eles passaram por algumas dificuldades, comeram banha de baleia, porque não havia manteiga, e o pão era feito com serragem de madeira. A família da minha mãe é de descendência austríaca. Como boa parte dos imigrantes no Rio Grande do Sul,

trabalhavam com agricultura e pecuária. Meus pais se casaram já com bastante idade, e, quando me tiveram, minha mãe tinha 43 anos, e meu pai, 53. Minha mãe era dona-de-casa, e meu pai, corretor de imóveis. Sou filha única e as pessoas com quem eu mais convivia eram minha mãe e minha madrinha, que mora conosco até hoje, também está com 91 anos.

Infância

Fui para a escolinha muito cedo, aos três anos. Um dia, meus colegas me chamaram para ver algo dentro do armário e me trancaram lá. Nunca mais me esqueci daquilo e, por conta disto, até hoje tenho medo do escuro. Tento compensar o trauma com a idéia da fotografia. Depois de um certo

tempo, convivendo com outras crianças, passei a aprender as malandragens.

Relação com os pais

Minha relação era e ainda é muito boa. Meus pais eram muito severos. Meu pai, que hoje está com 91 anos, sempre esteve presente em qualquer coisa que eu fosse fazer, inclusive nos momentos que eu não gostaria que ele estivesse, como, por exemplo, nas festas, quando ele me levava e me buscava. Até os 15 anos, eu tinha que voltar à meia-noite para casa. Ele ficava me esperando na porta da festa até eu sair. Não podia dormir na casa de nenhuma amiga nem voltar de carona.

Vida escolar e ingresso na Universidade

Eu era muito dedicada na escola. Era natural eu estudar e tirar boas notas. Nunca fui premiada por isso, mas sentia orgulho em ser uma boa aluna. Quando estava no 2º Grau, queria fazer muitas coisas. Entre elas, ser missionária na Índia, professora, arquiteta. Fiz vários testes vocacionais e nada me agradava. No vestibular, optei pelo curso de Turismo, na PUCRS, e Relações Públicas, na UFRGS. Passei nos dois e preferi fazer Relações Públicas. Não me encontrei muito no curso. Então, fiz vestibular para Publicidade e Propaganda. Comecei em 1987, aos 17 anos, e me formei em 1991. Ao mesmo tempo em que cursava Publicidade, fazia disciplinas de Artes Visuais. Fiz muitos estágios em várias áreas da Comunicação. Fui locutora e produtora na rádio da Universidade de um programa chamado *Por volta do meio-dia*, que existe até hoje. Desde que fiz a disciplina de fotografia, fiz muitas fotos. E, por ser uma atividade ligada com as Artes Visuais, fui cada vez gostando mais. Quando terminei Publicidade, me arrependi de não ter feito artes visuais e, mais

tarde, fiz mestrado nesta área. Agora, estou fazendo doutorado em Artes Visuais, na área de concentração chamada Poéticas Visuais.

Experiências profissionais

Logo que saí da Faculdade, trabalhei em uma empresa que fazia fotos à moda antiga. Depois, passei em um concurso para a Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul e trabalhei na Casa de Cultura Mario Quintana, no Instituto Estadual de Artes Visuais. Passei em outro concurso e fui trabalhar no Tribunal Regional do Trabalho. Já não estava mais ligada à área de artes, mas estava voltando a estudar, me preparando para o mestrado. Também trabalhei na Assessoria de Comunicação do Tribunal Regional do Trabalho. Depois disso, comecei a dar aulas. E, entre trabalhar na assessoria e dar aulas de fotografia, preferi as aulas.

Fotografia

Além de ser um meio que pode ser útil nas áreas da Comunicação, a fotografia é muito importante na vida de todos. Desde a descoberta, ela passou a ser algo que nos ajuda a reconstruir ou recuperar a nossa memória, ou recontar a nossa história. Embora a gente possa trocar a maneira de visualizar as imagens, se fossem em chapas antigas, de prata, vidro, papel ou até mesmo no celular, ainda continuamos carregando as fotos dos entes queridos conosco.

Família

Casei em 1994 e morei durante um período de tempo em Fraiburgo, Santa Catarina, conhecida como a Capital Nacional da Maçã. Meu marido trabalhava com a exportação da fruta. Em 2004, tive um casal de gêmeos, o Artur e a Mariana.

Fiquei dois anos de licença para ficar com eles e iniciar o meu projeto de doutorado, que fala sobre a amnésia da infância. Me pergunto se, como mãe e artista, não tenho como recuperar um pouco da criança que eu fui, através da convivência com eles. Nesses anos de trabalho, meus filhos são minha fonte de inspiração para a vida e, também, para o projeto de doutorado.

Maternidade em dose dupla

Ser mãe de gêmeos não foi um susto. Devido aos tratamentos que fiz, poderia ter tido mais filhos. A felicidade de ter filhos, quando a gente deseja, independente de quantos sejam, supera qualquer outro tipo de susto. Como eu era mãe de primeira viagem, dizer que era uma ou duas crianças não fazia diferença, porque não sabia o trabalho que ia dar. É uma experiência bastante gratificante, principalmente porque acompanho o crescimento de duas crianças que são gêmeas, mas, ao mesmo tempo, diferentes. Meu trabalho está muito conectado à minha experiência materna. Foi a partir deste momento que eu mudei o objeto das minhas fotografias e passei a pensar sobre o universo infantil, que é o universo deles misturado ao meu.

Lazer, filme e livros

Minhas horas de lazer são dedicadas aos meus filhos. Aos finais de semana, tento não trabalhar. Assisto a desenhos, leio histórias infantis e saímos juntos para fazer algum tipo de programa. O último filme que vi no cinema foi o infantil *Ratatouille*. Lia muito quando criança, e ainda leio muitos livros ao mesmo tempo. Estou retomando um que se chama *Fadas no divã*, de Diana e Mário Corso. Foi desta obra que surgiu a luz para guiar o meu trabalho de doutorado. O livro faz uma análise de contos de fadas, histórias em quadrinhos e

livros dedicados às crianças, sob o viés psicanalítico. Nele, estava a passagem que fala sobre a amnésia da infância, que me fez pensar sobre esta etapa da minha vida. Quando cai um livro ou uma revista na mão, interrompo tudo e começo a ler. As pessoas falam e eu não dou muita bola, pareço estar abduzida pelo livro.

Emoções

Já vivi muitos momentos felizes, mas o mais importante foi o nascimento dos meus filhos. Uma grande tristeza foi perder o meu amigo Paulo de Tarso Dresch da Silveira no desastre com o avião da TAM, em julho. Ele era advogado e professor universitário, colega de faculdade do meu marido e nosso padrinho de casamento, além de ser um excelente amigo.

Sonhos

Tenho muitos sonhos. O atual é receber o aceite de uma universidade da Inglaterra, para que eu possa fazer meu estágio de doutorado.

Política brasileira

Sou uma pessoa um tanto negativa em relação à política. Desde que comecei a votar, sempre optei por candidatos ou partidos que defendam as causas ambientais, uma das grandes discussões do nosso século. Me entristece muito o que aconteceu com o avião da TAM e o descaso com que certas coisas são tratadas neste país. É triste ver a maneira com que os políticos se portam diante de uma tragédia que afetou muitas pessoas, tanto as que morreram quanto as que sentiram a tristeza de perder alguém de forma tão estúpida.

Unisinos

É uma universidade que tem se preocupado com questões de ponta, em termos de ensino e de meio ambiente. É, também, respeitada em todo o país pelo

trabalho de pesquisa e cursos de graduação e pós-graduação. Gosto muito dos alunos que tenho. Trabalho aqui desde 1999 e me sinto respeitada em exercer minha profissão na Unisinos.

Instituto Humanitas Unisinos

Conheço pouco o Instituto, mas gostei bastante da revista *IHU On-Line*. Acho interessantes os assuntos abordados. A idéia de trazer professores e funcionários da Universidade para conversar, contar seus relatos de vida, é uma maneira de fazer os colegas conhecerem um lado que não está contabilizado no currículo Lattes, nosso lado “todo dia”, que nos move pela vida.